

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

COLETIVO KINOFÉRICO: PERIFERIA, POLÍTICA E
CULTURA NO BAIRRO DOS PIMENTAS, GUARULHOS.

GUARULHOS
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

COLETIVO KINOFÉRICO: PERIFERIA, POLÍTICA E
CULTURA NO BAIRRO DOS PIMENTAS, GUARULHOS.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade
Federal de São Paulo como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais
Orientadora Profa. Dra. Andrea
Claudia Miguel Marques Barbosa

GUARULHOS
2019

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo autor

Matos, Fernanda Conceição.
Coletivo Kinoférico: Periferia, Política e Cultura no Bairro dos Pimentas, Guarulhos. / Fernanda Conceição Matos. – 2019.
119f.

Dissertação (mestrado) em Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientadora: Andrea Claudia Miguel Marques Barbosa

Título em outro idioma: Kinoférico Collective: Periphery, Politics and Culture in the Pepper District.

1. Antropologia Urbana. 2. Periferia. 3. Arte-ativismo. 4.

Cultura. 5. Política I. Barbosa, Andrea. II. Dissertação

(mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de

São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas. III. Título

FERNANDA CONCEIÇÃO MATOS

COLETIVO KINOFÉRICO: PERIFERIA, POLÍTICA E
CULTURA NO BAIRRO DOS PIMENTAS, GUARULHOS.

Guarulhos, 21 de março de 2019.

Banca examinadora:

Dr. Guilherme Aderaldo
Departamento de Antropologia /USP

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira
PPGCS/UNIFESP

Suplente:

Profa. Dr^a. Silvana Nascimento
Departamento de Antropologia /USP

À sempre e inesquecível amiga

Barbará Sá.

À luz que guia meus passos

Caio Silva Matos.

AGRADECIMENTOS

À professora Andrea Barbosa minha imensa gratidão, admiração e respeito. Serei eternamente grata pelos olhares de esperança, pelos sorrisos de afeto e pelas inúmeras vezes em que suas palavras transmitiram compaixão e ternura.

Aos professores Guilherme Aderaldo e Alexandre Barbosa por colaborar com tanta generosidade para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos meus interlocutores que fizeram todo o processo de pesquisa harmonioso e instigante. Pelo carinho, cuidado e generosidade que me receberam em seus “espaços”. Em especial aos integrantes do coletivo Kinoférico. Obrigada pela caminhada.

Aos meus familiares e amigos pela paciência e carinho. Em especial a minha mãe Margarida e meu pai Antonio pelo imenso amor que me acalenta.

Aos colegas do grupo de pesquisa VISURB que são pessoas incríveis e batalhadoras. Obrigada Tami, Paulinha, Erika, Fernandos, Felipes, Rodrigo, Marcel, Janaina, Luis (Silvio), Dayane, Kássia, Guilhermes, Lindolfo, Marcela, Carolina, Ana Lúcia, Debora e Juliane.

Em especial à Ana Lúcia, pela parceria e amizade. Aguerida e combatente contra injustiça social é uma grande inspiração na minha vida. Obrigada por dar tanto sentido à palavra amizade.

Aos companheiros de vida Arcelino e Caio que tornam meus dias mais leves e a vida cheia de esperança.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva meu respeito e admiração!

Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa, situada no campo da Antropologia urbana, apresenta uma reflexão dos usos e sentidos do termo periferia e do termo coletivo que aparecem como elementos mobilizadores das ações de jovens moradores da região dos Pimentas na cidade de Guarulhos, para reivindicar políticas de direitos e usos da cidade, sendo as estratégias, vinculadas à arte e à cultura, por eles desenvolvidas foco dessa pesquisa que percorre os caminhos do arte-ativismo, da política e fortalecimento dos grupos artísticos da cidade. O recorte etnográfico se volta para um coletivo em especial – o coletivo de produção audiovisual Kinoférico.

Palavras-chave: Antropologia Urbana, Periferia, arte-ativismo, cultura, política.

ABSTRACT

This research is based on the field of urban anthropology. It presents a reflection of the uses and meanings of periphery and collectives. Those appear as mobilizing elements of the young residents actions from Pimenta's neighborhood in Guarulhos city. Claiming for policies rights and uses of the city, and the strategies linked to art and culture. Those are the focus of this research that traverses the paths of art-activism, politics and the strengthening of artistic groups in the city. The ethnographic clipping turns to a special collective - the Kinoférico audiovisual production collective.

Keyvwords: Urban anthropology, periphery, art-activism, culture, policie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Estranhando o Familiar: Caminhos Teórico-Metodológicos	15
CAPÍTULO I - GUARULHOS: HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES	24
1.1 Guarulhos	25
1.2 O bairro dos Pimentas	34
1.3 Da periferia para uma periferia chamada Pimentas	40
CAPÍTULO II - POLÍTICAS CULTURAIS E OS COLETIVOS EM GUARULHOS	56
2.1 Configuração política, cultural e social nos pimentas	66
2.2 Os Coletivos Culturais	73
2.3 Juventude, arte e política.	82
CAPÍTULO III - O COLETIVO KINOFÉRICO	87
3.1 Reuniões com Okuma	97
3.2 O coletivo e a ONG: esfera afetiva	103
3.3 O coletivo e o incentivo para o audiovisual Guarulhense	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS.....	111
FILMOGRAFIA:	119

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema de pesquisa está fortemente ligado à minha trajetória de vida que percorre os caminhos trilhados até a chegada e permanência da Universidade Federal de São Paulo no bairro dos Pimentas, em Guarulhos.

Não nasci em Guarulhos, mas foi neste município que construí e fortaleci minhas redes de sociabilidade e de afetos. Muitos familiares moram no bairro dos Pimentas desde antes da minha chegada. Meus pais permaneceram em São Paulo até que eu completasse 11 anos, momento em que passei a viver e conviver diariamente com os moradores e com o lugar. Mas, bem antes, com poucos meses de vida já frequentava o bairro. Meus padrinhos (que também são meus tios maternos) já moravam de aluguel no bairro e memórias de infância são marcadas por muitos finais de semana e férias escolares nos Pimentas. Dessa forma, meus vínculos de amizade começaram muito cedo por lá.

Quando decidimos definitivamente nos mudar para o bairro dos Pimentas foi uma alegria, não só para mim, mas para os meus pais, pois finalmente conquistamos a tão sonhada casa “própria”.

As recordações que tenho do bairro de quando era criança também são compartilhadas por outros moradores. As dificuldades comentadas e apresentadas pelos antigos habitantes em conseguir transporte público ainda se fazem presente na memória. Muitas vezes eram utilizados caminhos alternativos de acesso à cidade de São Paulo pelo bairro de São Miguel Paulista, dessa forma seria possível minimizar o tempo de espera. Cada caminho percorrido está cheio de significados e histórias.

Assim como a busca pelo transporte, outras tantas experiências marcaram a constituição do bairro e de seus moradores até o momento presente, em que neste lugar se protagonizam grandes e rápidas transformações urbanas que modificam e interferem no fazer o lugar e na própria relação com os seus habitantes.

Nesta pesquisa, minha preocupação gira em torno de como os moradores dos Pimentas passam a experienciar e retratar este local que atravessou intensas e rápidas transformações sociais e urbanas, articulando uma memória coletiva da formação do bairro e na relação deste com a cidade de Guarulhos, assim como, com a cidade de São Paulo.

Nesse sentido, a partir das inúmeras experiências vivenciadas pelos moradores e a própria constituição do bairro dos Pimentas, esta pesquisa apresenta uma reflexão dos usos e sentidos do termo periferia e do termo coletivo que aparecem como elementos mobilizadores de jovens moradores da região dos Pimentas na cidade de Guarulhos, para reivindicar políticas de direitos e usos da cidade. Este trabalho analisa e apresenta estratégias, vinculadas à arte e à cultura, mobilizadas pelos jovens moradores, os quais percorrem os caminhos do arte-ativismo, da política e fortalecimento dos grupos artísticos da cidade.

Muitos artistas da região do bairro dos Pimentas, local de estudo desta pesquisa, adotam inúmeras formas de expressões artísticas, seja a música, seja a produção de fotografias, de vídeos, teatro ou grafite. Cada uma dessas escolhas dialoga com uma maneira de experienciar a vida no bairro e se traduz em novas produções de imagens e experiências sobre o lugar. Assim, analisar as ações dos “coletivos culturais” presentes no bairro, o seu processo de criação e a relação construída no e com o bairro pode oferecer outras formas para compreender e conhecermos mais os sentidos de “periferia” e “coletivo” neste contexto de produção cultural.

Esse movimento pode ajudar também na problematização das relações de poder que é construída na relação entre as “periferias” e o “centro”¹, dos atores na relação com o poder público, e no reconhecimento da arte produzida na periferia.

Na pesquisa exploratória para elaboração do projeto inicial

¹ Desenvolveremos mais esta questão sobre a ideia de centralidade e periferia como discutida recentemente pela Antropologia Urbana no capítulo I.

percebemos o uso recorrente do termo “coletivo” para designar grupos atuantes na área artística. Tal ideia de “coletivo” se mostrou um interessante recorte para o encaminhamento da pesquisa. O uso deste termo, assim como o uso da própria categoria “periferia”, explicita toda uma rede de conotações e valorizações tanto pelos moradores como pelas políticas públicas voltadas para eles. Vemos que as formas de mobilização dessas categorias demonstram uma grande complexidade, e é justamente esse movimento, vivo e complexo, que queremos seguir e analisar.

Com isso, essa pesquisa de mestrado é, inicialmente, um desdobramento das discussões teórico-metodológicas decorrentes da pesquisa de iniciação científica “Lazer nos Pimentas: estudo sobre as formas de apropriação dos espaços públicos em um bairro ‘periférico’ (2010)” e também das reflexões realizadas ao longo da minha participação como pesquisadora do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp (VISURB).

Durante minha participação no grupo de pesquisa pude contribuir com o desenvolvimento do projeto de extensão “Pimentas nos olhos não é frescos”², o qual consistia em oferecer oficinas fotográficas para jovens moradores do bairro dos Pimentas. Essas oficinas tratavam de temas relativos às experiências vividas pelos jovens na região e buscava provocá-los a produzir e compartilhar imagens e experiências do viver no bairro. As imagens produzidas, no âmbito do projeto, nos propiciaram perceber diferentes “olhares”³ sobre o local e também diferentes formas de pertencimento.

Uma das inquietações que perpassam tanto minha pesquisa de Iniciação Científica, quanto o projeto de extensão “Pimentas nos olhos” foi a problematização da categoria “Periferia”.

² Mais informações sobre o projeto de extensão Pimentas nos olhos ver: <http://visurb-unifesp.wixsite.com/visurb-unifesp/pimentas-nos-olhos>

³ Andrea Barbosa (2012) faz uma distinção conceitual entre ver e olhar, onde a “visão” (o ver) está mais ligado à competência física que só ganhará sentido na ação do indivíduo mundo quando se torna “olhar”. O Olhar seria assim a visão tornada gesto social e cultural e, neste sentido, carregada de valores, interpretações, simbologias e agências.

O bairro dos Pimentas é identificado, tanto pelos jovens fotógrafos do projeto de extensão, quanto pelos jovens que frequentavam os bailes funks no bairro (interlocutores da pesquisa de iniciação científica), ou ainda, pelos próprios estudantes do campus da EFLCH/UNIFESP (situado no local) como um bairro “periférico” da cidade de Guarulhos. Essa ideia de periferia ainda vinha acompanhada com outros discursos de caracterização do bairro, os quais eram marcados por uma série de qualificações relacionadas à ausência, tais como: falta de estrutura habitacional, falta de saneamento básico, falta de espaços públicos de lazer, falta de transporte público, entre outros. Entretanto, nós podemos notar nas imagens produzidas, nas conversas com os jovens e em algumas reflexões anteriores (SÁa, 2010; BARBOSA, 2012a) que o bairro dos Pimentas também comporta uma presença vivida e simbólica dos atores que compõem este espaço. Nesse sentido, é preciso olhar para além dos discursos mais imediatos que reforçam a ideia de que o Pimentas, como bairro periférico, é um local somente marcado pelas ausências e buscar os deslizamentos semânticos que a categoria percorre no seu uso empírico tanto pelos jovens na sua vida cotidiana como na produção acadêmica (BARBOSA, 2012a).



Grafite de Magoo Ilegal, Avenida Maceió, Jardim Normandia, Bairro dos Pimentas.

Foto: Fernanda Matos (2017).

Concomitantemente aos últimos anos em que realizamos o projeto de extensão, dirigi, junto com a professora Andréa Barbosa, o filme *Pimentas nos Olhos* (2015)⁴. Durante o processo de realização do filme, e em conexão com as reflexões realizadas na Iniciação Científica, surgiram algumas inquietações que se tornaram o ponto de partida para esta pesquisa. Isso porque o filme tratou das múltiplas formas e vivências cotidianas no bairro dos Pimentas a partir da fotografia dos participantes das oficinas, da música de grupos da região e da biografia de quatro interlocutores e moradores do bairro que tiveram suas histórias cruzadas por um fio condutor: suas produções artísticas, envolvendo

⁴ *Pimentas nos Olhos* é um filme em que fotografia, memória, experiência e música se entrelaçam para contar um pouco o viver cotidiano do Bairro dos Pimentas em Guarulhos. Wolf, Ohuaz, Tais e Fábio narram sua relação com o bairro, suas histórias e sonhos. Suas narrativas dialogam com várias paisagens que vão se formando a partir das fotografias que outros tantos moradores realizaram ao longo de suas vidas e nas oficinas fotográficas "Pimentas nos Olhos não é Refresco realizadas desde 2008 pelo Visurb-Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da UNIFESP. Acessível pelo link: <https://vimeo.com/121494394>

desenho, teatro, música e poesia.

Assim, acompanhando essas trajetórias e tantas outras ao longo destes anos de convivência e pesquisa no bairro, questionava-me sobre a proeminência da “ausência” atribuída ao bairro na sua condição de periférico a partir do que se constrói dele. Decerto, ausências existem e são importantes para a mobilização das reivindicações de coletivos atuantes no bairro. Contudo, ela não é a única experiência possível e nem a única chave para mobilização política. Os jovens se organizam politicamente, se divertem, produzem música, vídeos, teatro e socializam nas festas de rua (os chamados “bailes funk”). Como pode não haver “nada” quando percebemos uma produção cultural tão diversificada?

A partir destas inquietações, desloco meu olhar para entender a periferia, não mais como uma categoria identitária absoluta, mas como uma categoria “nativa” que se configura no contexto de produção de identidades discursivas e imagéticas dos artistas da região.

No movimento de compreender as práticas de coletivos culturais do bairro dos Pimentas e verificar como eles constroem identidades como ferramentas de reconhecimento na cidade, um primeiro passo foi realizar um mapeamento das atividades culturais de artistas moradores do bairro que apresentarei no capítulo 2.

ESTRANHANDO O FAMILIAR: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ao longo da minha trajetória de pesquisa sobre esse lugar, passei a encarar o bairro não somente como meu local de moradia e espaço de sociabilidade, mas também como objeto de estudo. Tal situação fez com que minha relação com o bairro e o modo como passei a enxergá-lo passassem necessariamente por modificações.

A ideia de que o familiar nem sempre é conhecido, certamente não é uma inovação. Gilberto Velho já apontava que "o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam

mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes" (VELHO, 1981, p.125). Minha familiaridade com os cenários e situações cotidianas, não me dá compreensão imediata dos diversos significados atribuídos por cada ator que faz desse espaço físico, um espaço social e simbólico. E "o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido" (VELHO, 1981, p.126).

Nos termos do autor,

Estranhar o familiar é um movimento necessário para buscar compreender os mundos sociais por onde circulamos, convivemos e interagimos. Caso isso não se efetue, corremos o risco de permanecer prisioneiros do senso comum, de estereótipos e armadilhas ideológicas de todos os tipos (VELHO, 2008, p. 13).

Durante o processo de pesquisa, o estranhamento, aqui pensado como problematização, é um ato indispensável para compreender o contexto com o qual convivemos e interagimos. Pois, sem esse movimento corremos o risco de reforçar os estereótipos e reificar o senso comum seja da perspectiva dos "nativos" seja da perspectiva do "pesquisador". Problematizar, estranhar e reconhecer as diferenças nos possibilita uma visão multifacetada do mundo em que vivemos.

Não se pode ignorar a importância da diferença de sistemas cognitivos e modalidades culturais em nome de um voluntarismo ideológico ingênuo, seja de natureza política ou religiosa. Assim, estranhar o familiar corresponde a um esforço intelectual de pensar antropologicamente a sua própria sociedade, desconfiando criticamente do senso comum e das certezas dogmáticas (VELHO, 2008, p. 13).

Pensando assim, sou apenas mais uma pessoa que viveu no bairro dos Pimentas. Tenho um mapa rotineiro, mas isso não garante que conheça a lógica das relações sociais construídas entre todos aqueles que interagem neste espaço e que tampouco compartilhe o mesmo repertório.

O estranhamento, ponto de partida para este estudo etnográfico, é possível porque posso formular questões sobre este lugar e as pessoas que o habitam. Não porque é o meu bairro, mas, porque é um bairro peculiar.

A metodologia utilizada está centrada, sobretudo, no trabalho de campo baseado na observação participante. Adotei estratégias etnográficas que aliam a observação, conversas informais e entrevistas. A partir deste lugar, estabeleci o diálogo com os interlocutores para compreender as categorias, suas produções e ações com as quais operam no cotidiano local.

O foco da pesquisa antropológica, como nos ajuda a pensar Clifford Geertz (1978) deve ser tanto o que as pessoas fazem quanto o que pensam. O papel do pesquisador é interpretar essas instâncias da vida social. Pensando com este autor podemos afirmar que não existe um modelo único de “periferia” e sim periferias no plural em respeito às suas especificidades e a própria dinâmica a que estão submetidas.

Clifford Geertz, em sua antropologia interpretativa, abre a possibilidade de compreender o fluxo da ação social no contexto da complexidade simbólica. Geertz constrói a noção de *Cultura* definindo-a como algo que faz parte e é constituído pelo ser humano, portanto, considerava-a pública e, necessariamente compartilhada. Para o autor, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão⁵. Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que é “algo construído”, “algo modelado” – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não fatuais ou apenas experimentos de pensamento. (GEERTZ, 1989, p.25)

A antropologia interpretativa institui a construção da prática e da escrita etnográfica como peça chave para a construção do pensamento. Com isso, defende que os dados etnográficos já são descrições interpretativas, e na qual a relação do antropólogo com os informantes está inserida. O processo interpretativo ou a descrição densa, nos termos

⁵ Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: pois é a sua cultura.

de Geertz, nascem e retornam da experiência de campo, do “Estar lá”. Neste sentido, busquei compreender o universo simbólico e a prática social destes moradores atuantes nos coletivos culturais a partir da experiência etnográfica realizada numa perspectiva interpretativa.

A imagem fotográfica também foi mobilizada nessa pesquisa como método e técnica para a construção etnográfica, apresentando situações de campo, e provocando reflexões. Pois, produzindo e compartilhando as fotografias como parte do processo da pesquisa, essas imagens foram se constituindo como elemento importante para estabelecer minha relação com os interlocutores.

O diálogo das fotografias com os textos nessa dissertação não se encerra, contudo, na questão metodológica e tampouco como ilustração ou comprovação da minha presença no bairro. Proponho encarar as imagens fotográficas como uma linguagem visual que traz questões e provoca reflexões tanto quanto o texto escrito, embora de maneira diferenciada.

Como argumenta Silvia Caiuby Novaes “A imagem, pela especificidade de sua linguagem, é mais flexível do que o texto, no sentido de acomodar, em sua estrutura narrativa, múltiplos significados” (NOVAES, 2009, p. 111). E por essa característica elas podem narrar e provocar o leitor em relação às questões desta pesquisa de forma diferente do que o narrado no texto.

Às potências de “fazer falar” e “provocar” das fotografias, poderíamos acrescentar mais uma, o “fazer enxergar”. Enxergar é um olhar, digamos mais denso, que mobiliza a troca de olhares. É o olhar para as imagens fotográficas e através delas perceber as camadas e faces que se superpõem, procurando nelas as relações possíveis. (BARBOSA, 2016, p.197).



Imagem divulgação. (Página Oficial do Coletivo no Facebook) Gravação do filme “Era uma vez o Sítio” – Coletivo Kinoférico (2016).

As fotografias produzidas no contexto etnográfico que analiso na dissertação possibilitaram entrar em contato com as distintas formas de construção e intervenção que tornam as “periferias” um lugar privilegiado para narrar histórias. E é esse convite para adentrar as imagens aqui presentes, como outra possibilidade de encontro com esses interlocutores, que faço ao leitor.

As questões apresentadas pelas imagens apontam um cenário multifacetado e desafiador, em que os atores e suas produções suscitam novas perspectivas e olhares sobre os chamados “periféricos”, suas construções materiais e simbólicas que entrelaçam o modo de ver, pensar, agir e refletir sobre sua própria condição de vida. São narrativas interessantes por expressar essa multiplicidade.

Essas narrativas não podem ser compreendidas como a realidade, e sim como uma realidade possível; como uma construção a partir do jogo de olhares entre os produtores dessas imagens e seus interlocutores (que, diga-se de passagem, nunca é uma só). As perguntas que me faço são:

para quem essas imagens falam? Sobre o que elas falam? Seus significados não são absolutos e o que nos move é perceber como essas imagens conversam e fazem conversar com esses jovens e o mundo mais próximo, além de ser também o mundo mais distante que lhes interessa afetar.

COLETIVO KINOFÉRICO



Imagem divulgação (Página Oficial do Coletivo no Facebook). Comemoração dos três anos de produção audiovisual do Coletivo Kinoférico (2018).

Quando olhamos as coisas, nossa percepção é guiada pelos interesses culturais e pessoais, mas a percepção é também o mecanismo pelo qual esses interesses são alterados e ampliados (MACDOUGALL, 2009, p.63).

Trabalhar com filmes é trabalhar com imaginários ressignificados cotidianamente, pois assim como a cultura é movimento, as construções que fazemos dela também o são, modificando as formas de viver e de lidar com o mundo que nos cerca (BARBOSA, 2002, p.06).

Percorrendo os caminhos em que os coletivos culturais mobilizam a ideia de periferia nas suas práticas artísticas e de reconhecimento na cidade, tentamos entender como é construído o engajamento dos coletivos culturais com a dinâmica urbana com o objetivo de reconhecer os espaços significativos de interação e sociabilidade, e também identificar e refletir sobre a atuação e influência das produções culturais realizadas pelos moradores do bairro dos Pimentas nesses processos.

Nessa busca, realizei um mapeamento dos coletivos culturais atuantes no bairro e procurei entender as escolhas que eles fazem no sentido do que mostrar e do que não mostrar da vida no bairro; o que publicar ou não, ou seja, a maneira de pensar, produzir e gerir essas produções. A escolha para o foco mais específico da análise recaiu sobre o coletivo Kinoférico, um coletivo audiovisual que será abordado mais especificamente no capítulo 3.

Em meio ao contexto etnográfico trabalhado, atuo como ex. moradora, estudante da universidade e também ex. aluna do projeto social Cursinho Comunitário Pimentas. Durante minha experiência como moradora do bairro dos Pimentas, pude compartilhar vivências e participar de projetos sociais e também de atividades culturais presentes no local, as quais utilizam a potencialização do termo “periférico” no sentido de enfatizar esta forma de pertencimento como uma forma de “orgulho”, além de ser uma maneira de reivindicar direitos e recursos públicos às localidades que não eram centrais na agenda do poder municipal: a “periferia”.

O Pimentas é fruto das relações socialmente construídas ao longo do tempo que vão além do que é proposto pelas demarcações presentes nos mapas oficiais. As relações rompem as fronteiras político administrativas e apresentam os laços de identidade e familiaridade entre

os diferentes bairros. Por essas razões, não podemos tomar o Pimentas como um espaço geográfico, caracterizado apenas pela estrutura física ou definições político administrativas. Portanto, o Pimentas é considerado aqui como o espaço construído pelos cidadãos e que carrega trocas e experiências presentes nas relações sociais vividas e simbólicas.

Há nos coletivos um diálogo direto com a narrativa da periferia como o lugar da escassez, da ausência ora mais elaborada, ora mais simplificada. No entanto, o cerne está no fato de que com a escassa oferta de espaços culturais e de lazer promovidos pelo poder público, os cidadãos precisam utilizar a criatividade para conseguir criar espaços de lazer, trabalho e formas de viver que não dependam tanto das ações do Estado.

Assim, as imagens que permeiam a periferia inscrita nas produções artísticas dos coletivos aqui pesquisados não escapam da problemática que a ausência do Estado pode acarretar, mas ao mesmo tempo apresentam a criatividade inventada pelos cidadãos para lidar com essas ausências e demandas. Narrando outras versões da periferia, apontando como é possível produzir arte e conhecimento na periferia, conferindo novos valores a esse status inicial conferido a uma possível “marginalidade” diante do “centro”.

Segundo Ananya Roy (2011), regiões como essas periféricas, de favela são compreendidas na chave de um dito urbanismo subalterno que vem ao encontro de significar tais espaços como próprios da diferença. Aqui, o paradigma para conferir reconhecimento em espaços de pobreza e formas de ação popular muitas vezes permanece invisíveis e negligenciados. No entanto, ainda segundo Roy (*idem*) essa subalternidade em que os moradores muitas vezes estão imersos, passa a ser vista como uma condição do povo, daqueles que não podiam pertencer a uma elite, a usufruir determinadas localidades e equipamentos urbanos. No entanto, tal termo envolve também a reivindicação de moradias, subsistência e melhores condições de vida. Isto é, a subalternidade é uma teoria da agência e da política das pessoas,

que confere uma identidade política, por isso está associada a territórios distintos.

A partir dessa perspectiva, a ideia de periferia pode ser entendida como um “espaço entre” produzida por intervenções de humanitarismo, reestruturação urbana, fluxos de capital, policiamento e controle. Mas também um espaço potencialmente gerador, uma fonte de inovação e adaptação, e que pode desestabilizar o centro. Olhamos para os coletivos culturais pesquisados com a hipótese alinhada à de Roy, ou seja, a de que eles constroem a periferia do bairro dos Pimentas onde atuam justamente como este espaço criativo, gerador.

CAPÍTULO I - GUARULHOS: HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES

Neste primeiro capítulo faremos uma breve apresentação histórica sobre Guarulhos na tentativa de compreender um pouco da sua formação política administrativa e seus desdobramentos até hoje. Destaco a importância de analisar o contexto histórico, pois o levantamento apresentado contribui para entender a formação política e social do bairro dos Pimentas. Entendo que essa narrativa pode trazer importantes elementos para compreender o que e como se vive no bairro atualmente.

Abordaremos algumas publicações sobre a história de Guarulhos que tiveram seus lançamentos nos últimos anos. Segundo os prefácios de todas estas publicações, elas pretendem divulgar uma história pouco conhecida pelos próprios guarulhenses, possibilitando assim, maior identificação e conhecimento local.

“*Guarulhos Tem História*” (OMAR, 2010) ⁶ apresenta a história de Guarulhos de 1560 até 2010, incluindo o ciclo do ouro, olarias e processos de industrialização. “*Guarulhos 450 anos: atlas escolar histórico e geográfico*” (FERREIRA, 2011) ⁷ apresenta aspectos físicos, geográficos, históricos e humanos da cidade de Guarulhos. A publicação foi distribuída nas escolas municipais em comemoração aos 450 anos da cidade. “*Revelando a História dos Pimentas e Região*” (CAMPOS, 2014) ⁸, traz um pouco sobre a história de Guarulhos com foco principal na região dos Pimentas. Interessante esse movimento recente de recontar (ou segundo os autores, de contar já que isso não foi feito antes) a história da cidade e percebemos essas publicações como parte do

⁶ Organizador: Elmi El Hage Omar. Autores: Adriana de Araújo Aleixo, Antonio Benedito Prezia, Antonio Manoel dos Santos Oliveira, Beatriz de Aguiar Hanssen, Caetano Juliani, Edson José de Barros, Elton Soares de Oliveira, Gláucia Garcia de C. Guilherme Bagattini, José Elmano de M. Pinheiro, Marcio Roberto M de Andrade, Maria Claudia Viera Fernandes, Sandra Emi Sato, Silvia Piedade de Moraes, Wagner Carvalheiro Porto e William de Queiroz.

⁷ Autores, Cesar Ferreira Cunha, Daniel Carlos de Campos e Elton Soares de Oliveira. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/atlas-escolar-historico-geografico-subsite.pdf>

⁸ Autores: Daniel Carlos de Campos, Elton Soares de Oliveira e José Abilio Ferreira. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/revelando-saberes-pimentas.pdf>

movimento de invenção cultural da cidade (como periferia da metrópole São Paulo) e do bairro (como periferia da cidade de Guarulhos) da perspectiva criativa para lidar com as ausências.

Seguiremos essa trilha, assim como seguiremos mais à frente a dos coletivos. Considerando esses textos como narrativas contemporâneas que criam/inventam o lugar (Guarulhos e Pimentas), ao mesmo tempo consideramos como o lugar adquire cunho de pertencimento, a partir da valorização dele como locus de produção de conhecimento legítimo. Para nós essas publicações históricas estão situadas na mesma chave dos coletivos culturais: é um movimento cultural e político para invenção a periferia.

1.1 GUARULHOS

Na narrativa apresentada na publicação “*Guarulhos: espaços de muitos povos*” (SOARES, 2008) ⁹, aldeamentos jesuíticos dão início à formação e expansão do território. A fundação de Guarulhos está ligada ao desenvolvimento da Vila de São Paulo e Aldeamento de São Miguel, este último importante para entender a aspectos de formação geográfica e política do bairro dos Pimentas, em Guarulhos.

Em 1880, Guarulhos foi elevada à categoria de Vila com o nome de Conceição dos Guarulhos e em 1906, ganha o status de cidade e passa a ser denominada apenas por Guarulhos.

Em 1940 as indústrias começaram a se instalar na cidade. A publicação “*Revisão do plano diretor de desenvolvimento urbano e econômico e social de Guarulhos*” ¹⁰ traz um levantamento realizado em

⁹ Organizadores do Livro: Elton Soares de Oliveira, Maria Cláudia Vieira Fernandes, Gláucia Garcia de Carvalho, Elmi El Hage Omar, Benedito Antônio Genofre Prézia, Sandra Emi Sato, William de Queiroz, Márcio Roberto Magalhães de Andrade, Antônio Manoel dos Santos Oliveira, Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira Juliani, Edson José de Barros, José Elmano de Medeiros Pinheiro, Caetano Juliani e Vagner Carvalheiro Porto. Disponível em: <https://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/livroguarulhos.pdf>

¹⁰ Disponível em:

2012, e fundamenta a formulação do Plano Diretor da Cidade (ainda em andamento), no qual argumenta que a Câmara Municipal da cidade aprovaria leis que incentivariam loteamentos e arruamentos para “atrair” indústrias, em alternativa ao município de São Paulo, devido a sua proximidade.

Os projetos de leis municipais que isentam o pagamento de tributos é um marco importante para compreender o desenvolvimento industrial da cidade de Guarulhos e, posteriormente, para o setor de comércio e serviços, mediante a sua formação econômica e social.

O processo de industrialização que deu o tom da política de desenvolvimento nacional dos anos 1940 e a construção da Rodovia Presidente Dutra – que atravessa a cidade de Guarulhos interligando cidades importantes para o deslocamento da produção industrial – foi uma importante realização desse projeto político e econômico. Em 1951, mais de dez anos depois, a rodovia foi duplicada, impulsionando ainda mais o processo da expansão industrial em Guarulhos como alternativa para localização de indústrias, principalmente as multinacionais.

Gama (2009) demonstra que interesses particulares renderam projetos de desenvolvimento para a cidade, diferente do que clamara as necessidades locais. A cidade já contou com cinco estações ferroviárias nos bairros de Vila Galvão, Torres Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta e Guarulhos–Centro todas desativadas ao longo dos anos.

Nas décadas de 1980 e 1990, evidenciou-se outro marco do desenvolvimento da cidade de Guarulhos com a construção do Aeroporto Internacional de São Paulo e a Rodovia dos Trabalhadores (atual Rodovia Ayrton Senna).

O processo de industrialização refletiu na organização territorial do município¹¹, pois a chegada das indústrias aumentou também o número de moradores na cidade e o surgimento de novos “bairros”

http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files//RPDG_PRODUTO%2002_ANALISE%20DA%20SITUACAO%20ATUAL_R01_0.pdf Acesso: 08/12/2018.

¹¹ Contudo, é importante mencionar que ocorreu em Guarulhos a criação de leis de incentivo fiscal em um período de 15 anos.

mediante aos processos migratórios que acompanharam a chegada das indústrias na cidade. Os novos “bairros” foram ganhando “estrutura” nas curvas das rodovias Presidente Dutra e Trabalhadores (Ayrton Senna)¹².

Nabil Bonduki¹³ (1998) traz questionamentos para o contexto habitacional da época, o autor indica que a falta de moradias e o sonho de ter uma casa própria foi norteador para um processo que denomina de “processo de autoconstrução” em loteamentos precários e com pouca ou nenhuma infraestrutura. O trabalhador, com muita dificuldade e colaboração dos amigos, vizinhos e parentes, torna-se o dono do terreno, portanto, o trabalhador como “projeter e construtor” de suas casas.

Estudos de Bonduki (1998), Kowarick (1994) e Rolnik (2015) nos ajudam a compreender o “processo de periferização”, os ditos loteamentos periféricos, o fluxo migratório e as autoconstruções que ocorreram a partir de 1980.

Assim como muitos, minha família chega ao bairro dos Pimentas na década de 1980. Meu pai e meu tio compraram em 1987 um terreno (bem próximo à Rodovia dos Trabalhadores) que até hoje não tem escritura, apenas um certificado de “compra e venda”. Meu pai fez os desenhos, dividiu os “lotes” entre as cinco famílias que hoje residem no local e meu padrinho, migrante do Estado do Maranhão e ajudante de pedreiro, função que exerceu desde que chegou a São Paulo, construiu as casas aos poucos, enquanto morava de aluguel em um local próximo ao terreno adquirido. As imperfeições nos desenhos e na construção estão inscritas nas casas. A escada não tem degraus de tamanho uniformes, as paredes são tortas (falas presentes em situações como fixação de quadros ou troca de pisos) e as imprecisões presentes nas metragens dos lotes são visíveis já na chegada ao local.

Neste sentido, é importante ressaltar que muitas famílias

¹² Segundo Gama (2009) várias ocupações irregulares começaram a surgir, principalmente próximo ao que denomina de “corredores industriais”.

¹³ Professor universitário na Universidade de São Paulo desde 1986. Nas eleições de 2016 ocupou a 2ª suplência para vereador na cidade de São Paulo, tendo exercido por duas vezes o cargo (2001 a 2004/2013 a 2016), e autor do Plano Diretor Estratégico de São Paulo (2014), premiado pela ONU.

trabalhavam e/ou ainda trabalham na cidade de São Paulo e, muitas, escolheram a cidade de Guarulhos para morar próximo a duas rodovias (uma federal outra estadual), sobretudo, devido às escassas opções dos transportes públicos¹⁴.

Estrategicamente, Guarulhos era uma opção que apresentava vantagens, como proximidade com São Paulo¹⁵ e a ligação por meio de importantes rodovias. Os ditos “bairros periféricos”, contudo, desenvolveram-se em decorrência do preço acessível da terra e também devido às ocupações irregulares.

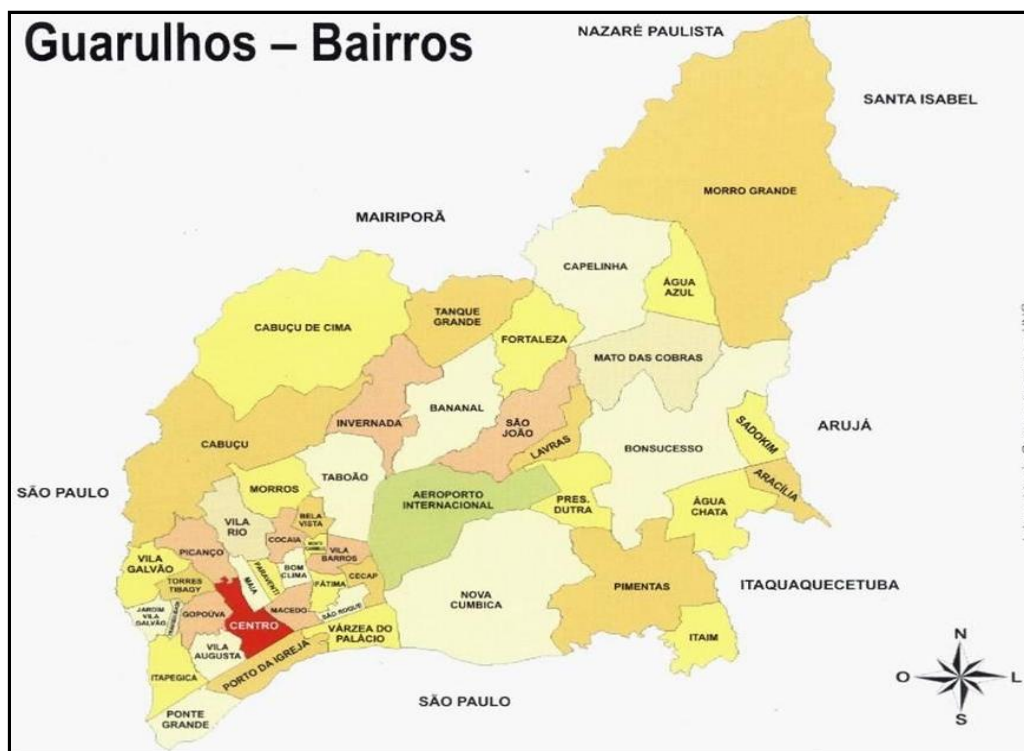
Carlos José Ferreira dos Santos (2006), alerta que Guarulhos não se constituiu como um lugar, mas como vários lugares. No prefácio do seu livro *Maria Irene Szmreksanyi* apresenta um pouco de suas indagações sobre Guarulhos.

A história de Guarulhos mostra sua fragmentação espacial, social e cultural iniciando-se há séculos. A ocupação urbana do espaço guarulhense hoje foi brotando em diferentes pontos desse território, com núcleos construídos distanciadamente e com um centro comercial e administrativo sem predominância nítida. Alguns bairros se ligaram mais à cidade de São Paulo do que a esse centro. A outros foi permitindo manter-se mais ou menos à parte como focos da religiosidade popular, resguardando tradições próprias (SZMRECSANYI, In: SANTOS, 2006: 14).

¹⁴ Relato presente no filme “Pimentas nos Olhos (2015)”.

¹⁵ Moradores do Jardim Leblon e Jardim Brasil caminham a pé até São Miguel Paulista. O mesmo ocorre com moradores do Jardim Vila Any que vão a pé até o Itaim e dos moradores do Jardim Marcos Freire que seguem a pé até Itaquaquetuba.

Figura 1 – Bairros de Guarulhos.



Fonte: Site da prefeitura de Guarulhos¹⁶.

A cidade de Guarulhos é atualmente uma das cidades mais populosas do Brasil e possui elevada produção econômica. No entanto, os índices de pobreza também elevados.

Neste contexto, a cidade de Guarulhos atualmente possui um contingente populacional expressivo e uma alta atividade econômica, ocupando a segunda posição do PIB considerando a Região Metropolitana de São Paulo e 9ª posição a nível nacional.

Atualmente, Guarulhos é a mais populosa cidade não capital do país, com uma população de 1.324.113 e a nona economia do Brasil, segundo o Censo de 2010¹⁷. A região dos Pimentas possui mais de 230 mil habitantes¹⁸ sendo a região mais populosa da cidade. Se a contagem populacional for por Unidade de Planejamento Regional (UPR), a UPR

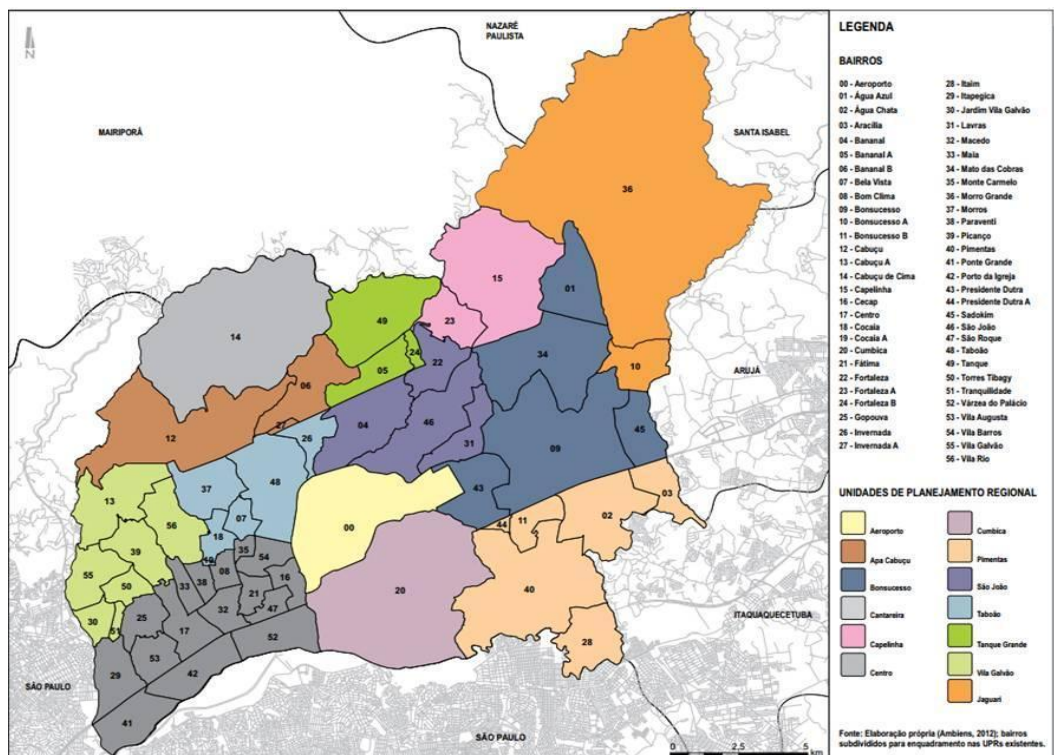
¹⁶ Disponível em: http://www.guarulhos.org/imagens/bairros/bairros_ung.jpg. Acesso em 27/01/2019.

¹⁷ Dados IBGE _ Acesso em 26/01/2019 <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama>

¹⁸ Considero o número de habitantes na região dos “Pimentas” contabilizando apenas alguns bairros que estão presentes nos discursos dos moradores como “Pimentas”, mas as fronteiras do que se consideram os Pimentas não é um consenso.

Pimentas ultrapassa a marca de 400 mil habitantes.

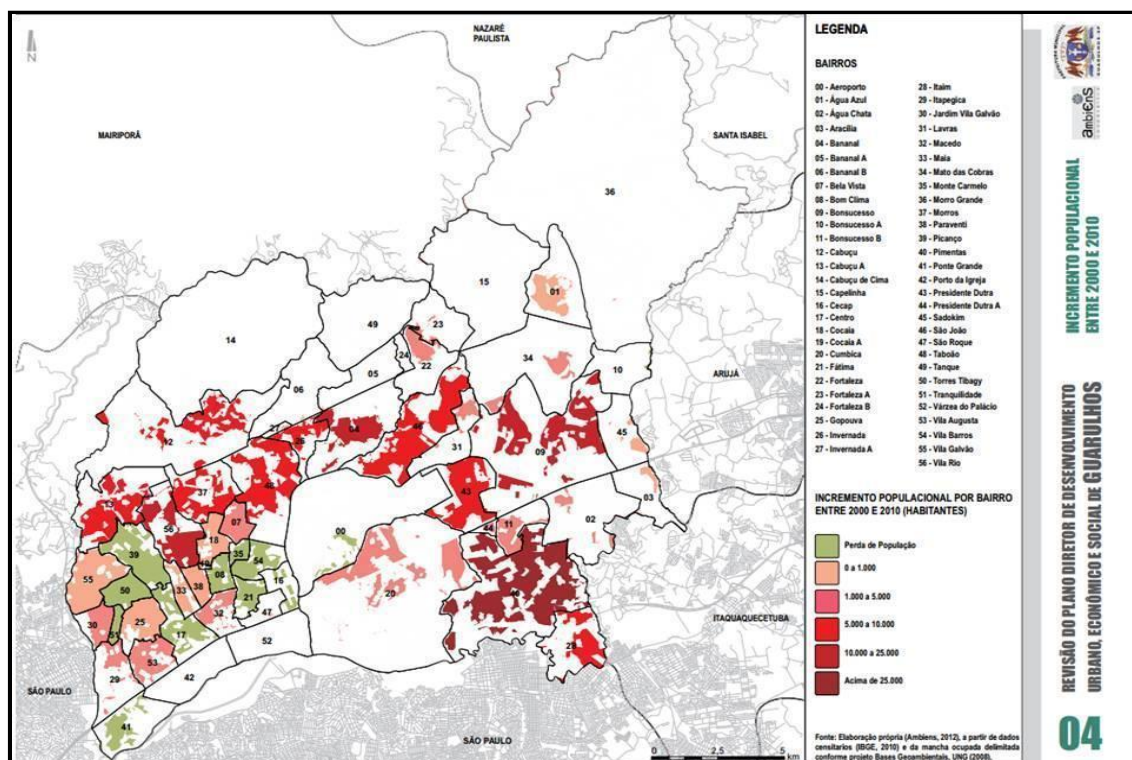
Figura 2 – Mapa da divisão da cidade de Guarulhos em Unidade de Planejamento Regional.



Fonte: Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Econômico e Social de Guarulhos.

Na divisão da cidade por Unidade de Planejamento Regional (UPR), presentes na discussão do Plano Diretor da Cidade, a UPR Pimentas é composta por seis bairros: Pimentas (40); Presidente Dutra A (44); Bonsucesso B (11); Itaim (28); Água Chata (02) e Aracília (02).

Figura 3 – Incremento populacional por bairro entre 200 e 2010 (habitantes)



Fonte: Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Econômico e Social de Guarulhos.

A publicação “*Construindo Juntos a Guarulhos Que Queremos*” (2012)¹⁹ foi utilizada na Conferência Municipal da Cidade de Guarulhos como referência para os debates, pois o texto elenca elementos estatísticos importantes para entender o desenvolvimento da cidade de Guarulhos. Já no prefácio, um texto assinado pelo então prefeito da cidade Sebastião Almeida (PT), chama atenção para o número de habitantes que ele apresenta como residentes na Região dos Pimentas.

Tomemos como exemplo os Pimentas, do lado de lá da Dutra, onde vivem cerca de 400 mil pessoas. Em apenas uma década, a região ganhou universidade pública, um hospital, CEUs, terminal de ônibus, conjuntos habitacionais, shopping, agências bancárias, além de ter quase a totalidade de suas ruas asfaltadas e com redes de esgoto (2012, p.05).

¹⁹ Disponível em:

http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/Livro_Construindo_Juntos.compressed%20%281%29_0.pdf

Dados disponíveis na Revisão do Plano Diretor da cidade informa que 335.000 da população de Guarulhos vivem nos bairros de Cumbica, Pimentas, Presidente Dutra e Bonsucesso, sendo também as regiões com menor infraestrutura.

O Mapa da Pobreza e Desigualdade dos Municípios Brasileiros, realizado em 2003 pelo IBGE aponta também que Guarulhos tem 43,21% de incidência de pobreza²⁰, mesmo sendo um município de economia expressiva. No entanto, seu dinamismo econômico não é expresso no desenvolvimento social, ou seja, melhorias para a população. Os dados da fundação SEADE²¹ (Sistema Estadual de Análise de Dados), do Governo do Estado, demonstraram que em 2010 o rendimento familiar per capita no município é de R\$784,00, entretanto, 19,9% dos domicílios apresentava renda per capita de até meio salário mínimo.

Movimentos sociais como MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), MLM (Movimento de Luta por Moradia) e o MNLM (Movimento Nacional de Luta por Moradias) atuam na cidade buscando melhorias e condições dignas de moradia para uma parte significativa dos habitantes de Guarulhos. Um exemplo da atuação desses movimentos de ocupação ocorreu no Jardim Vermelho, cuja regulamentação fundiária foi mediada pela associação de bairro. Os moradores compraram o terreno particular que ocuparam pagando mensalmente pela terra, com intermédio do poder público que realizou no bairro pavimentação, iluminação, entre outras iniciativas que não existiam no local.

²⁰ Os dados também se encontram PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL 2009-2012 http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files//Plano_Municipal_de_Assistencia_Social_2009_a_2012_0.pdf

²¹ Disponível em:

<http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?temaId=2&indId=11&locId=3518800&busca=>



Foto: Fernanda Matos, 2017.



Foto: Fernanda Matos, 2017.



Foto: Fernanda Matos, 2017.

1.2 O BAIRRO DOS PIMENTAS²²

O Pimentas, bairro dos Pimentas, Jardim dos Pimentas, "aqui na quebrada", "lá na vila", o local me instiga como pesquisadora. Decerto que não o local estrito senso, mas o que o torna o "Pimentas", o que ele é. Interessam-me compreender o modo de experienciar suas ladeiras, seu comércio, as estratégias que conduzem a vida dos moradores. Educação, saúde, moradia e segurança são temas fortes, e perceber a maneira como os grupos se inspiram e influenciam com seu discurso, suas músicas, sua dança, seus filmes, como eles protagonizam abordagens, disputas, privilégios e as dimensões políticas para o público e o privado.

No site da Prefeitura de Guarulhos estão disponíveis diversos documentos e, além de espaço destinado a organização e informação de

²² Fotos: Fernanda Matos- Caminhada etnográfica pelo Pimentas com o Grupo de pesquisa VISURB/Unifesp, Maio/2017.

materiais de interesse do município, configura-se também como um local reservado para a discussão, desenvolvimento, propostas e leis do Plano Diretor da Cidade. Aqui, podemos encontrar o documento intitulado “*Cenários projetados e propostas para a revisão do plano diretor da lei de uso, ocupação e parcelamento do solo*” (2012), o qual é utilizado como apoio para a revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Econômico e Social de Guarulhos. Além disso, apresenta dados gerais sobre o município e dados importantes para analisar a região dos Pimentas.

Segundo o documento, a Unidade de Planejamento Regional (UPR) Pimentas está localizada na região Sudeste do município e constituída pelos bairros Aracília, Água Chata, Itaim, Pimentas e uma pequena parte de Bonsucesso e Presidente Dutra. Na UPR Pimentas consta que o “bairro” é uma região populosa e com ocupações irregulares ou clandestinas em sua grande parte. Economicamente o documento aposta que:

Em relação às condições econômicas da população de Pimentas, os responsáveis pelo domicílio que ganham de 3 a 5 salários mínimos estão distribuídos em duas faixas, de 17,0 a 21,5% e 21,5 a 31,0%, para os chefes sem rendimentos em quase todos os bairros encontramos a faixa entre 15,5 e 23,5%, com exceção do bairro Aracília que apresenta uma condição melhor, com apenas 3,5 a 10,0% do chefe do domicílio sem rendimentos. Nenhum dos bairros apresenta mais de 2,5% do responsável com rendimento superior a 20 salários mínimos. Informa também que aproximadamente 45% da população dos Pimentas se encontram entre as classes D e E (2012, p. 81).

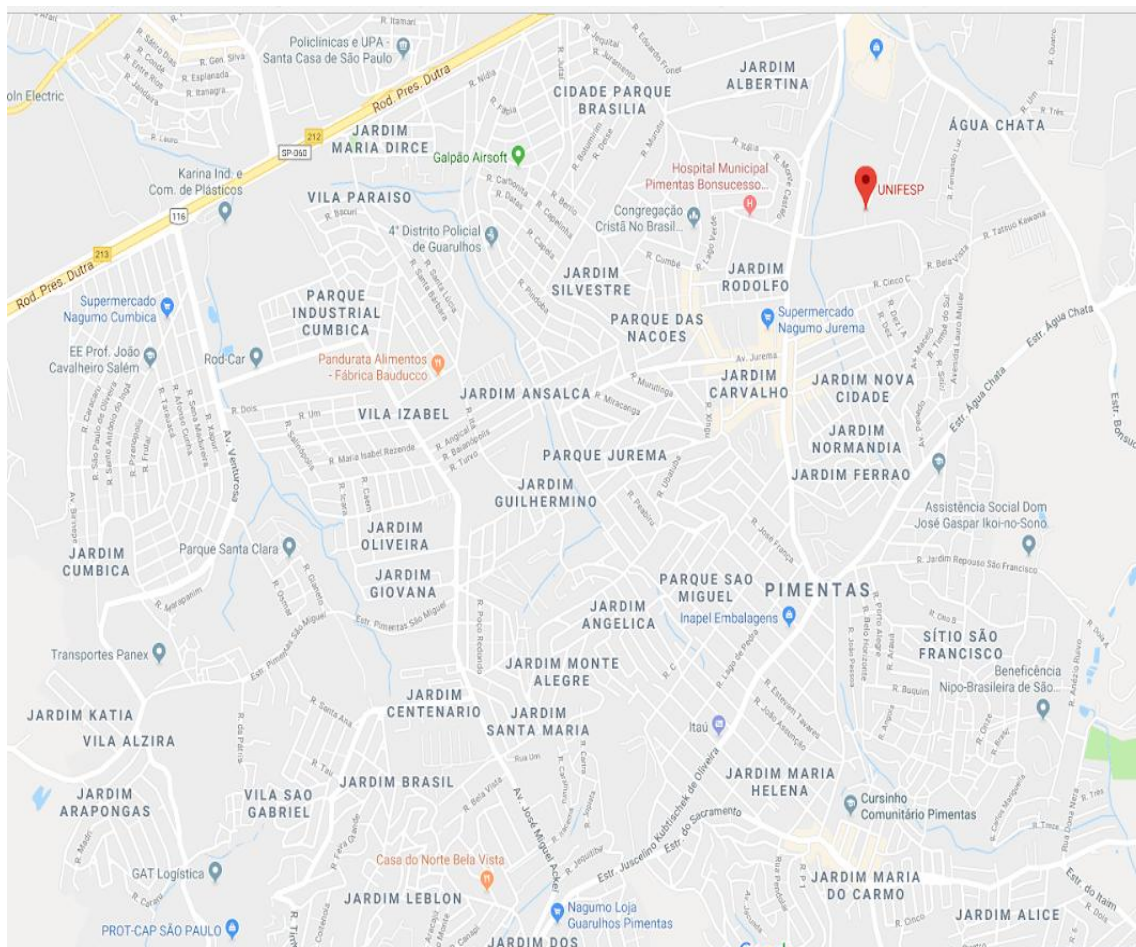
Alguns mapas²³ informam sobre o desenvolvimento de políticas públicas em Guarulhos, elencando e sobressaindo a acelerada mudança

²³ Mapas que constam nos documentos reunidos para a realização da revisão do Plano Diretor. Disponível em: <http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/> Acesso: 12/12/2018.

que ocorreu na região dos Pimentas. Em dez anos (de 2005 a 2015), o cenário mudou significativamente em algumas localidades da região. A construção do terminal de ônibus, do hospital municipal, do shopping, da universidade federal, do centro de educação unificada (CEUs), do parque Chico Mendes, de bancos, de escolas e de creches municipais, dos conjuntos habitacionais populares e condomínios fechados. Além de novos e mais modernos estabelecimentos como sorveterias, lanchonetes, restaurantes; tudo isso mudou não somente o visual do bairro, mas também a maneira de viver e conviver nele.

O Pimentas contempla vários bairros e pelo discurso dos moradores, os que residem de um lado da Rodovia Presidente Dutra, eles moram no Pimentas; já os que residem do outro lado da rodovia, são moradores do distrito Presidente Dutra. No entanto, as fronteiras do que se entende como “Pimentas” é bastante divergente. Aqui vamos trabalhar com a territorialidade presente no discurso dos interlocutores e moradores com os quais construímos nosso percurso etnográfico.

Figura 4 – Bairros que constituem o Pimentas através dos interlocutores da pesquisa.



Fonte: Recorte de imagem do Google Maps (Acesso em 08/12/2018).

Jardim Cumbica,
 Jardim Kátia,
 Vila Alzira,
 Jardim Arapongas,
 Vila São Gabriel,
 Jardim Leblon,
 Jardim Brasil,
 Jardim Centenário,
 Jardim Santa Maria,
 Jardim dos Pimentas,
 Jardim Monte Alegre,
 Jardim Maria Helena,

Jardim Maria do Carmo,
Jardim Alice,
Sítio São Francisco,
Jardim Angélica,
Parque São Miguel,
Parque Jurema,
Jardim Ansalca,
Parque das Nações,
Jardim Nova Cidade,
Jardim Oliveira,
Jardim Giovana,
Vila Izabel,
Jardim Carvalho,
Jardim Ferrão,
Parque Industrial Cumbica,
Vila Paraíso,
Jardim Silvestre,
Jardim Rodolfo,
Cidade Parque Brasília,
Água Chata,
Jardim Albertina (Acima)
Vila Any,
Jardim Joemi,
Jardim Jacy,
Jardim Guaracy,
Jardim Anny (Abaixo)

Figura 5 – Bairros que constituem o Pimentas através dos interlocutores da pesquisa.



Fonte: Recorte de imagem do Google Maps. (Acesso em 08/12/2018)

Alguns locais dos Pimentas vêm sofrendo desde os anos 2000 uma crescente transformação urbana. Novos investimentos imobiliários são anunciados, bancos e comércios surgem, bem como um crescente aumento da população no bairro. A instalação de grandes estruturas como o Hospital Municipal (2006), o Shopping Bonsucesso (2006) e o campus da Universidade Federal de São Paulo (2007), denota uma paisagem urbana em rápida transformação.

As casas foram ganhando grandes portões de ferro, os famosos “puxadinhos” aumentam e as pessoas chegam de diferentes regiões tanto de Guarulhos como de bairros da capital (São Miguel Paulista) e cidades do entorno (Itaquaquetuba).

O enorme contingente de prédios e condomínios que vem sendo

construídos e a presença de novos moradores apresenta reconfigurações simbólicas e espaciais, nas quais os habitantes têm sido provocados constantemente a pensar e agir.



Chegada ao Bairro dos Pimentas pela Rodovia Ayrton Senna.

Foto: Fernanda Matos (2017).

1.3 DA PERIFERIA PARA UMA PERIFERIA CHAMADA PIMENTAS

Ruth Cardoso e Eunice Durham, pioneiras nos estudos urbanos das periferias²⁴, são responsáveis por consolidar esse campo de estudo no Brasil e por elaborar reflexões metodológicas fundamentais, principalmente por levar à atenção das ciências sociais à diversidade presente na vida das populações mais pobres, utilizam-se de uma perspectiva etnográfica para complexificar o debate sobre classes

²⁴ De Ruth Cardoso lembremos as pesquisas de doutorado sobre a Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo (1972) e o sobre o papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses (1959). De Eunice Duhan, veja coletânea de textos sobre o urbano (2004).

sociais.

Como apresenta Eunice Ribeiro Durham (2004), a singularidade que envolve a criatividade dos moradores das periferias, além de congrega a multiplicidade nos contornos e entornos do processo de desenvolvimento da cidade, instiga o “olhar” para além do que chamamos de ausência de serviços e recursos públicos (saneamento básico, iluminação pública, pavimentação e etc.). A autora entende, a partir de sua etnografia, que a falta de recursos financeiros não é um resultado de uma acomodação ou de submissão à situação de pobreza dos seus interlocutores, pois mesmo com todo o esforço realizado mediante ao seu “trabalho”, o morador das chamadas “periferias”, como o Pimentas, têm poucas oportunidades. Contudo, ainda assim, tornam o local que habitam possível para viver. Ou seja, mesmo com todos os obstáculos físicos presentes mediante a precariedade de alguns serviços públicos básicos, os moradores criam, transformam, adaptam-se e também se apropriam das diversas situações apresentadas. Um exemplo seria a situação em que os próprios moradores “asfaltam” a sua rua cobrindo com concreto. O que nos chama a atenção aqui é o movimento de transformar a periferia e seus moradores num complexo relevante para compreender a dinâmica da vida nas metrópoles.

José Guilherme Magnani, orientado por Ruth Cardoso, realiza em 1982 a etnografia pioneira sobre o lazer na periferia (2003) e em outros estudos compilados no livro *Na Metrópole*, (2000) apresenta a metrópole como um contexto rico para a antropologia, proporcionando “novos desafios e problemas”. Para tal empreitada, ele defende um olhar etnográfico de perto e de dentro, no qual busca compreender a cidade e suas questões, não como uma entidade à parte de seus moradores, mas como fruto de suas interações, pontos de encontro e redes de sociabilidade. Neste sentido, identificar os movimentos, os fluxos e as diferentes formas de apropriação no universo de significados dos atores foi o primeiro passo para chegar a padrões mais gerais, responsáveis pela compreensão dos comportamentos articulados a outras instâncias e domínios mais amplos da vida social (MAGNANI, 2002).



Sítio São Francisco.

Foto: Fernanda Matos (2017).

“A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos” de Teresa Caldeira (1984), etnografia realizada no Jardim das Camélias em São Miguel Paulista no início dos anos de 1980, também trará a periferia e seus moradores para o primeiro plano. Interessa, nesse caso, conhecer o que estes cidadãos pensam e como agem politicamente. Existe o reconhecimento da ação política (e não apenas reação) por parte das classes populares. Para nós, é interessante notar que já no título este trabalho problematiza o lugar da pesquisadora que é diferente do lugar dos pesquisados: o outro, aquele que é diferente, e que apresenta uma maneira diferente de pensar e agir. A política da periferia é a política dos outros.

A política praticada pelos jovens dos coletivos é uma das questões que esta pesquisa procurou perceber. Contudo, a presente pesquisa, embora se beneficie de toda a discussão aberta e adensada pelos autores anteriormente citados e tenha como foco um bairro popular e “periférico”, possui um traço que a distingue e que a situa em outro

lugar.

Não vou à periferia, parto da periferia. Ao partir deste lugar, proponho um deslocamento diferente do que fizeram meus autores referenciais. Sou parte do que a expansão das universidades públicas e principalmente, a instalação de instituições públicas de ensino em bairros periféricos pôde proporcionar. Opero um deslocamento da localização epistemológica que faz com que o de perto e de dentro não ocorre porque não me desloco para a periferia, mas porque me desloco epistemologicamente a partir da periferia. Este é uma questão importante.

Voltemos ao local, à periferia, ao bairro. Entendo, como evidencia Michel De Certeau (1996), que o espaço é um lugar praticado, ou seja, construído de formas diferentes a partir do uso e da relação que se tem com dele. O autor enfatiza, em seus estudos, as relações de poder que compõem as práticas cotidianas, conduzindo o olhar para o contexto, permitindo pensar os conflitos, como eles se dão e o que essas práticas cotidianas revelam sobre os moradores e a relação deles com o local.

“A partir desta perspectiva, podemos olhar para as periferias como lugar em constante transformação e no caso da configuração dos Pimentas pode compreendê-las melhor por meio das “táticas” e “astúcias” (CERTEAU, 1996) inventadas pelos moradores para garantir dignidade e sobrevivência, assim como pela configuração dos coletivos culturais e sua atuação, em alguns casos, juntamente com ações ou parcerias de projetos com o poder público.

O uso das *táticas* se faz porque existe um desacordo entre o espaço praticado por ele e o espaço produzido pelo poder público, ou neste caso, pela ausência dele. Isso faz com que por meio dessas táticas os moradores se utilizem de práticas para inventar o lugar, e a produção artística é parte desse processo de invenção. A prática de uma *tática* denota movimento evidencia a fabricação do lugar.

As *táticas* são aqui usadas para subverter as estratégias instituídas pela ideia de sociedade acionada pelo poder público. Estas estratégias

geram projetos dentro de uma lógica “centro/ periferia” na qual as localidades mais distantes do chamado centro estariam à margem na agenda de políticas públicas da cidade. No entanto, os cidadãos adotariam outras práticas por meio de *táticas*, instituindo identidades de valorização, não apenas da localidade, mas dos seus habitantes, uma vez que suas práticas vão além do projeto de melhoria de vida e diminuição de desigualdades ou acesso a direitos básicos. Dessa forma, busca-se alcançar mudanças significativas para o local e para o grupo que compõe suas redes de sociabilidade.

Juntamos à ideia de tática de Certeau (*idem*) à ideia de “fazer-cidade” de Michel Agier (2011; 2015) para compreender a existência de diferentes “Pimentas”, ou seja, a ideia que o bairro está se fazendo nos meandros das táticas elaboradas pelos seus moradores (dentro das quais inclui a ação dos coletivos culturais). Não é algo pronto, é fundamental identificar, interpretar e descrever.

As “*Regiões*”, consideradas perigosas ou marginalizadas presentes nos discursos dos moradores, segundo o autor, evidenciam diferentes gostos, estilos de vida e comportamentos que tornam as identidades dos indivíduos relativas e construídas. Como já apontamos, o Bairro dos Pimentas não exatamente um único bairro, uma vez que são formado por diversas localidades, vilas e jardins. Essa região tem uma plasticidade quando comparamos o que os moradores definem por Pimentas (que em si também nada tem de consensual) e como a compreensão da própria Prefeitura sobre o local em questão²⁵.

²⁵ O Pimentas, assim como ocorre com as demais “periferias” da metrópole, durante muito tempo foi uma região da cidade associada à violência. Como Bárbara Sá (2010) trouxe na sua pesquisa sobre o bairro, muitos escondiam seu local de moradia quando iam procurar emprego, pois sofriam preconceito por parte dos empregadores de fora do Bairro. Falava-se em residir no Jardim Nova Cidade, mas não se identificava que pertencia ao distrito do Pimentas.



Fonte: Guarulhos: espaço de muitos povos. – 2a ed. – São Paulo: Noovha América Editora, 2008. – (Série conto, canto e encanto com a minha história).

Na imagem, moradores exibem uma faixa, em meados dos anos 90, em que informam a existência de um comitê de saúde para enfatizar questões da região dos Pimentas e Adjacentes, exigindo do prefeito Nefi Tales²⁶ melhor atendimento na área de saúde no Hospital Dona Luiza²⁷ (localizado no Jardim Centenário) e demais Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município. Aqui, não apresentam uma preocupação com apenas uma região, mas com toda a cidade. Os movimentos sociais e a intensa mobilização popular estão presentes na história e na trajetória dos moradores do bairro desde os anos 1980.

Gilberto Moreno, em sua tese intitulada “*Tudo que a gente faz na quebrada é política. Vida associativa nas bordas da cidade*” (2014) problematiza o histórico de luta de moradores de bairros “periféricos”, buscando entender se há uma continuidade entre as lutas passadas e as

²⁶ Foi prefeito por duas vezes em Guarulhos. Primeiro mandato de 1976 a 1982 e o segundo mandato em 1998, não concluído por determinação judicial e, conseqüentemente, cassação do mandato pela Câmara dos Vereadores. Assume Jovino Cândido que fica no cargo até 2000.

²⁷ “O Dona Luiza”, como é conhecido e chamado pelos moradores, é uma Unidade Básica de Saúde com pronto atendimento que atende um número expressivo de moradores

ações dos grupos atuais. Essa inquietação também perpassou o meu campo de pesquisa, e se expressa como parte importante desse capítulo. Isto é, compreender a discussão da mudança de qualificação de alguns grupos que se reconheciam como “movimentos sociais” há 10 anos, e hoje passaram a mobilizar o termo “coletivo” como denominação atual.

No livro “*Revelando a História do Pimentas e região*” (Campos, 2014), projeto de um grupo de escritores e professores de Guarulhos²⁸, podemos ter acesso a uma notícia do ano de 1988 em que a manchete apresenta a mobilização de moradores por políticas públicas: “*Bairro dos Pimentas grita contra a lama e a escuridão*”.

A mobilização coletiva parece ter sido recorrente e também foi evidenciada por moradores do bairro durante a gravação do filme “*Pimentas nos Olhos*” quando narravam à memória que tinha do bairro nos anos de 1970/80. Dona Zuza, Sr. Abraão, Wolf do Vale, Sr. João, Lucio e Maria Helena contam, em um trecho do filme, que foram umas das primeiras famílias a construir uma casa no Jardim Alvorada. Narram como eram recorrentes os casos de mortes devido à falta de infraestrutura e, no caso relatado, da ausência de uma passarela para atravessar a via Dutra. Relatam que foi preciso uma manifestação de moradores, inclusive com a participação de crianças para que o problema ganhasse visibilidade e a reivindicação fosse atendida.²⁹

²⁸ Daniel Carlos de Campos (professor na Universidade Guarulhos no curso de Arquitetura e Urbanismo). Elton Soares de Oliveira (Professor de história local, de oratória e apresentador do programa Destaque Repórter, Tv Destaque de Guarulhos. Autor e coautor de vários livros, pesquisas e artigos sobre a história de Guarulhos). José Abílio Ferreira (Um dos 100 escritores estudados na antologia crítica Literatura e afrodescendência no Brasil, publicado pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2011).

²⁹ Filme “Pimentas nos olhos” Acesso: <https://vimeo.com/121494394>. Fala dos moradores em 00h34m08s.

REVELANDO A HISTÓRIA DOS PIMENTAS E REGIÃO - NOSSA CIDADE, NOSSOS BAIRROS!



Notícia que aparece no livro “*Revelando a História do Pimentas e região*” (p. 64, 2014).

Seguindo essa prática, vimos nos últimos quinze anos, as manifestações de jovens estudantes tomarem a pauta das reivindicações na região. Uma delas foi à instalação de uma universidade pública na cidade de Guarulhos, que reivindicavam, desde o ano de 2002 que essa demanda fosse incluída na agenda política do município. Essas manifestações em prol de uma Universidade foram protagonizadas por estudantes do Cursinho Comunitário Pimentas (do qual fiz parte).

Como justificativa para o pleito, os manifestantes indicavam que a maioria dos estudantes daquele movimento social (Cursinho Comunitário Pimentas) deixava a cidade para cursar seus respectivos cursos de graduação na USP (São Paulo e interior), UNESP (principalmente nas cidades de Marília e Presidente Prudente) e UNICAMP (Campinas).



Arquivo do Cursinho Comunitário Pimentas. “Grito dos excluídos” – 7 de setembro de 2003.



Arquivo do Cursinho Comunitário Pimentas. “Grito dos excluídos” – 7 de setembro de 2003.

Uma das atuais coordenadoras do projeto do Cursinho Pimentas, Janaina Gomes³⁰, afirma que os estudantes, por muitos anos, participaram de eventos em que autoridades do poder executivo estavam presentes. Lembra que nas inaugurações de obras, plenárias de orçamento participativo, posse do poder legislativo e executivo, e principalmente nas Conferências da Juventude³¹, um grupo de alunos saía com a faixa do cursinho e seguia para os eventos.

Segundo o coordenador geral e atual vereador da cidade Rômulo Ornelas³², atualmente a cidade conta com a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec, inaugurada em 2007), o Instituto Federal (IFSP, inaugurado em 2006) e a Universidade Federal de São Paulo (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/UNIFESP, inaugurada em 2007).



Arquivo do Cursinho Comunitário Pimentas. “Grito dos excluídos”³³ – 7 de

³⁰ Em entrevista concedida para esta pesquisa em Novembro de 2017.

³¹ Conferência Municipal de Juventude realizada nos anos de 2008, 2011 e 2015 na cidade de Guarulhos. Em todos os anos os cursinhos comunitários da cidade participaram do evento pautando reivindicações como o auxílio estudantil e a criação de um cursinho municipal na cidade.

³² Em entrevista concedida para esta pesquisa em Novembro de 2017.

³³ Grito dos excluídos é uma manifestação popular que ocorre em várias cidades no Brasil que une entidades que tem como pauta de intervenção os “excluídos”. Nos primeiros anos da realização do ato a

setembro de 2009.

A prática política é fator importante e comum para as mudanças no modo de ver e viver as periferias, é o que se faz presente em muitas pesquisas atuais (MORENO:2014; D'ANDREA:2013; ADERALDO:2017). Essas pesquisas, guardadas importantes diferenças em suas análises, apresentam caminhos instigantes para analisar o tema.

Segundo Moreno (2014), aspectos relacionados à esfera afetiva e institucional perpassam as temporalidades políticas experimentadas pelos moradores da periferia. O autor apresenta, ao longo do texto, lógicas de diferenciação e integração nas práticas associativas desenvolvidas em períodos distintos da história pelos cidadãos. O que nos leva a pensar também na construção de um “*sentimento de pertencimento*” mediante o compartilhamento de memórias e experiências com outros moradores.

Arantes (2000) demonstra que valores em comum e sentimentos profundos de identificação formam a ideia do que chamamos de comunidade. Esta seria um espaço tomado de valores portados de força simbólica e conteúdos afetivos. Ao refletir sobre as transformações das paisagens paulistanas no qual focaliza os aspectos políticos e culturais da produção social do espaço público, o autor apresenta uma ideia pertinente para pensarmos o Pimentas: a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que configuram espaços-temporais mais efêmeros e híbridos do que os territórios sociais de identidades tidos como clássicos pela antropologia.

Nos últimos quinze anos³⁴, narrativas de moradores sobre a região dos Pimentas ganharam novos elementos para além das demandas por serviços e equipamentos públicos. Nelas está presente a valorização de

Campanha da Fraternidade foi a principal mobilizadora. Em Guarulhos, alguns grupos se organizam para realizar o ato durante o desfile cívico de 7 de setembro em que autoridades municipais estão presentes, assim dando visibilidade as pautas reivindicadas.

³⁴ Entrevistas realizadas com comerciantes do bairro na região próxima à Universidade Federal de São Paulo, ao longo do trabalho de campo com o Coletivo Estação Pimentas. Entrevistas realizadas entre agosto e setembro de 2016.

algumas obras de infraestrutura, ações do poder público e da iniciativa privada, fatos que são vistos por muitos como positivos. No entanto, tanto meu trabalho como pesquisadora, como também o olhar e a expressão de alguns entrevistados evidenciaram que esses grandes investimentos na região trouxeram mais complexidade do que ser “positivo” e mais questões coletivas do que foi divulgado, ou mesmo anunciado nos discursos de inauguração. Eles trouxeram alterações na vida dos antigos moradores, provocaram a chegada de novos - alunos e funcionários da Universidade Federal de São Paulo e mesmo moradores de outras regiões da cidade - que passaram a fazer parte da construção simbólica do que é hoje o lugar. Os vários Pimentas de hoje passam por todas essas perspectivas distintas.



Foto: Fernanda Matos (2017).

A paisagem mudou e vem mudando. Mas, há lugares em que ela continua como se estivesse “parada” no tempo. Seguir a Avenida Juscelino Kubitschek que liga as duas grandes rodovias que cortam o

bairro - BR 116 (Dutra) e a SP 070 Ayrton Senna - é uma experiência para perceber alterações e modificações e também as permanências.

No fim da ladeira da Estrada do Caminho Velho tinha apenas o “Lindamil”, uma escola estadual. Hoje, entre o começo da rua e a escola, há um terminal de ônibus, inaugurado em 2011, conjuntos habitacionais (Condomínio Esplanada que conta com 14 edifícios com 5 andares, o Residencial Dunas 11 edifícios com 5 andares e o Residencial Brisas 13 edifícios com 240 unidades cada um), o campus da EFLCH/UNIFESP, o CEAG (Central de abastecimento de Guarulhos) e uma diversidade de pequenos comércios atraídos pelo público que frequenta e reside a região.

O comércio foi ampliado e o mais surpreendente e esperado foi à chegada dos bancos que não existiam no bairro. A Caixa Econômica Federal, por exemplo, passou a exercer suas atividades econômicas em 2008, dentro do shopping Bonsucesso, inaugurado em 2006. O Hospital Bonsucesso, 2006, foi instalado e impressionou os moradores pelos 5 andares e o anúncio de que o hospital contaria com maternidade, unidade de terapia intensiva (adulto e infantil), psiquiatria, ortopedia, pediatria, neurocirurgia, e ambulatório de especialidades médicas, além do atendimento de emergência. Contudo, até o momento, dois andares do hospital ainda não foram utilizados e nem todos esses recursos estão em atividade. Aos que lutavam pela necessidade de atendimento público de saúde de melhor qualidade foi um grande passo. Muitos moradores³⁵ de outros bairros da cidade de Guarulhos agora se deslocam até o bairro para atendimento com médicos especialistas que atendem somente naquele local na cidade. Uns com medo e outros com entusiasmo “entravam” no Pimentas e não reconheciam ou sentiam aquele medo expressado nos discursos sobre o local presentes na memória dos antigos moradores.

³⁵ Entrevista realizada com comerciantes durante o trabalho de campo com o Coletivo Estação Pimentas (Agosto e Setembro de 2016)



Foto: Fernanda Matos, 2017.

Ao invés da violência, via-se prosperidade. De lá do Hospital, a visão para o alto da ladeira da Estrada do Caminho Velho é panorâmica. Os prédios de moradia popular ganham destaque e o prédio da UNIFESP também³⁶. Um dos vendedores, o Bahia, que vende milho verde desde que a Unifesp passou a receber estudantes em 2007, comenta que o comércio aumentou e a diversidade de alimentos vendidos também, o que o fez, em 2018, vender seu produto também, por alguns dias da semana, no terminal de ônibus próximo a faculdade. Ele recorda do discurso dos alunos e dos “trabalhadores da faculdade”³⁷ que reclamavam da pouca opção de comércio no bairro, pois além de um trailer, só havia um homem que vendia “geladinho” e trufas.

³⁶ Contudo, uma aproximação breve, apresenta outra situação. Em frente ao prédio da Universidade muitas crianças pedem dinheiro e até lanches e doces que passaram a ser vendidos por moradores do bairro, para aumentar a sua renda.

³⁷ Bahia se refere aos professores, técnicos da universidade, prestadores de serviço de segurança e limpeza.



Foto: Fernanda Matos (2012)

Hoje o bairro ganha novos contornos, com a convivência de moradores “nativos” com estudantes da Unifesp (dos quais muitos passaram a morar no bairro durante o período de curso à universidade), assim como com outros moradores que se arriscaram no bairro em busca de novas alternativas de moradia ou foram “trazidos” pelo movimento imobiliário do projeto “Minha casa Minha Vida³⁸”. O bairro sofreu um forte processo de modificação que acompanhou as mudanças de políticas públicas dos últimos governos federais (de 2006 a 2014), uma vez que com novas políticas públicas urbanas, foi possível a construção de apartamentos pelo “Minha Casa, Minha Vida” que alterou a própria imagem das periferias, com novas moradias e novos moradores.

É nesse sentido, que a hipótese de que a construção dos “Pimentas” como periferia estar atrelada às múltiplas identidades que se configuram no movimento de deslocamentos, solidariedades, escolhas e sociabilidades construídas nos e com os coletivos culturais do bairro está

³⁸ Criado em 2009 com o objetivo de tornar a moradia mais acessível as famílias brasileira com diferentes poder de compra.

sendo pesquisada. O próprio caráter mutável da ideia de “periferia” e do termo “coletivo” é imperativo às dinâmicas de uma construção mútua entre os moradores.

CAPÍTULO II - POLÍTICAS CULTURAIS E OS COLETIVOS EM GUARULHOS

E é por isso mesmo que assumo, como uma das minhas tarefas centrais, aqui, tirar o Ministério da Cultura da distância em que ele se encontra, hoje, do dia-a-dia dos brasileiros. [...] Quero o Ministério presente em todos os cantos e recantos de nosso País. Quero que esta aqui seja a casa de todos os que pensam e fazem o Brasil. Que seja, realmente, a casa da cultura brasileira. [...] E o que entendo por cultura vai muito além do âmbito restrito e restritivo das concepções acadêmicas, ou dos ritos e da liturgia de uma suposta "classe artística e intelectual".

Cultura, como alguém já disse, não é apenas "uma espécie de ignorância que distingue os estudiosos". [...] Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos. [...]” (GILBERTO GIL, 2004)³⁹.

O discurso de posse do Ministro Gilberto Gil no ano de 2004 aponta para as políticas culturais em uma nova perspectiva. Não se buscava com o programa inovar, mas fomentar, incentivar e valorizar ações culturais em desenvolvimento nas diferentes comunidades. Neste sentido, o objetivo do programa era promover condições materiais para que os produtores locais pudessem ensinar seus conhecimentos artísticos para as pessoas.

Sabe-se que muitos artistas querem passar seus conhecimentos e suas artes, mas sabe-se também que é necessária infraestrutura e financiamento para que as ideias saiam das “cabeças”. Ou seja, as

³⁹ Disponível na íntegra em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>

políticas culturais daquele governo tinham por objetivo evidenciar e dar visibilidade a todos os aspectos culturais de nosso país.

Nos primeiros meses de governo, foi lançado o programa *Cultura Viva - Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania*⁴⁰ - que teve como eixo central a implantação dos Pontos de Cultura nas mais diversas regiões do país. Um marco importante para o desenvolvimento e incentivo das atividades culturais e artísticas, e que também teve impacto na região dos Pimentas, em Guarulhos.

O programa foi dividido em duas fases, sendo a primeira, os pontos de cultura (local para realizar as atividades propostas) e os pontos de cultura (local que também é utilizado para unir as redes de ponto de cultura) que foram destaque para contemplar os recursos diretos as entidades de pessoa jurídica. Na segunda etapa, a partir de 2007, os Estados e Municípios também contemplam os pontos de redes. Os cheques prêmio (valor destinado para o desenvolvimento de atividades artísticas/cultural) também começam a fazer parte das ações.

Para ter acesso ao financiamento não é necessário atender alguma ação cultural específica. Cada grupo constrói seu projeto considerando alguns pontos dos editais, como atender população em alta vulnerabilidade social e violência, desempregados, baixos índices de desenvolvimento humano, entre outros. As instituições culturais proponentes do projeto devem ter pelo menos dois anos de experiência, ou seja, elas deveriam ter realizado, antes de serem contempladas, atividades com ou para a população. Ou seja, as associações, cooperativas e sindicatos poderiam participar do edital desde que suas atividades tenham natureza cultural e sem fins lucrativos, além disso, os projetos deveriam já estar em andamento e também desencadear novas iniciativas locais, incorporando parceiras e recursos para as atividades do e no Ponto de Cultura.

O convênio firmado com a entidade contemplada tem a finalidade

⁴⁰ A partir de 2008 muda-se a denominação do programa para “Cultura Viva: Arte, Cultura e Cidadania.”.

de incentivar atividades existentes, multiplicar ações e incorporar redes culturais em todo território nacional. Articular essa rede cultural garante autonomia, captação de recursos e parcerias que visem dar continuidade e crescimento ao projeto desenvolvido, garantindo o resultado esperado: a continuidade do projeto mesmo sem o financiamento federal, cujo prazo é de quatro anos.

Medeiros (2013), em sua dissertação de mestrado intitulada “Políticas públicas e organizações culturais: O caso do programa Cultura Viva”, apresenta uma análise sobre essas políticas em âmbito nacional a partir, também, de uma entrevista com o idealizador do projeto *Cultura Viva*. Esse tem por objetivo a formação de redes, o incentivo para que os agentes culturais se tornem potencializadores das atividades desenvolvidas. Juntos, (os diferentes Pontos de Cultura) busquem autonomia e parcerias para a geração de recursos e, assim, potencializar as ações culturais desenvolvidas. Fortalecendo-se em redes.

O Bairro dos Pimentas chegou a ter 6 pontos de cultura em funcionamento entre os anos 2012 a 2018. São eles: Associação Movimento de Ação e Inclusão Social; Espaço Cultura – Arte e Cidadania; Associação Comunitária Jardim Vermelho – ACJV; Projeto Acreditar Pimentas – Casa de Cultura/PAP; Pró-Família e Associação Bárbara Cristina Sá (Babi).

Com propostas de projetos diferenciados, que levavam em consideração as demandas que cada bairro possui, muitos projetos foram financiados e pensados para que tivessem continuidade nos locais, mesmo com o fim do apoio financeiro.

Atualmente, apenas o Ponto de Cultura Pró Família que fica no Jardim Tupinambá ainda recebe financiamento. No entanto, outros quatro continuam as suas atividades, mesmo que em menor proporção. Hoje, não mais se denominam Pontos de Cultura, mas associações ou projetos sociais.

A associação Barbara Cristina Sá continua com as atividades propostas para contemplar o edital, tais como aulas de balé infantil e

capoeira. Falar em ou de cultura no contexto periférico, muitas vezes, no senso comum, é entender que os dois termos não se relacionam. Falas de que não existe cultura na periferia ou que os moradores não possuem cultura não é raro de se ouvir.

Em 2012, o campus da Unifesp situado no bairro dos Pimentas, viveu um momento de disputas políticas para a construção de seu prédio definitivo e, dessa forma, para que pudesse comportar toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento das atividades acadêmicas. O campus de Humanidades instalado no bairro em 2006, até aquele momento funcionava em um prédio provisório e usava algumas salas do CEU (estrutura da prefeitura) que fica ao lado do campus.

No mesmo ano de 2012 foram publicados documentos e artigos de jornal escritos por alguns professores da universidade que não foram bem recebidos pelos moradores do bairro. Dentre esses documentos estava o “Dossiê para Debate: A crise da Escola de Humanidades da Unifesp e sua permanência no Pimentas”⁴¹.

Diretores de escolas, movimentos sociais, grupos de artistas e coletivos do bairro reuniram-se em um “Ato pela permanência da Unifesp no Bairro dos Pimentas, para expor indignação ao dossiê apresentado. Segundo os autores desse dossiê, a Universidade deveria deixar o bairro, especialmente devido ao fato que a localização da Unifesp promoveria um isolamento cultural.

No item do dossiê, “*O isolamento cultural da EFLCH e a concepção de “periferia”*” escreviam

19. É desnecessário demorar-se em dados que comprovem o

⁴¹ Dossiê disponível em <https://greveunifesp.files.wordpress.com/2012/08/dossie-sobre-a-crise-da-eflch-unifesp-e-o-bairro-dos-pimentas1.pdf>. Último acesso em 02/03/2019.

Nota de Esclarecimento: Comunicado do segmento docente do campus Guarulhos da Unifesp O segmento docente da EFLCH, reunido em Assembleia Geral no dia 03/08/2012, esclarece que o dossiê intitulado "A crise da Escola de Humanidades da Unifesp e sua permanência no Pimentas", protocolado pelo Prof. Dr. Juvenal Savian junto à reitoria e às pró-reitorias da UNIFESP, não passou por debate, discussão ou votação em nenhuma assembleia geral de docentes ou instância representativa de nosso campus. A EFLCH mobiliza-se, por deliberação de sua Congregação, a discutir a questão da localização de seu campus no corrente mês de agosto. Segmento docente do campus Guarulhos 03/08/2012 18:05. <http://dgi.unifesp.br/sites/comunicacao/index.php?c=Noticia&m=ler&cod=4c94e3fe>
Acesso em 02/03/2019

isolamento cultural da EFLCH no Bairro dos Pimentas, ou seja, o total isolamento com relação aos recursos indispensáveis ao ofício do estudante e do docente de filosofia e ciências humanas, como, por exemplo, boas bibliotecas, bons cinemas, arquivos especializados, museus, oficinas de arte, bons teatros, salas de concerto etc. Esse fato é grave na formação oferecida aos estudantes da EFLCH, pois não há o diálogo com a cultura formal indispensável para uma Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. No mundo atual, em que tanto se critica a especialização precoce e desvinculada de uma formação humanista ampla, a Unifesp corre o risco de andar na contramão, isolando principalmente seus estudantes num bairro tão distante e tão carente. A experiência tem mostrado que uma formação rica do ponto de vista cultural não é facilmente compatível com algo como os ideais de uma “universidade de periferia”. Não há nenhum problema em estar na periferia de alguma cidade; nem no centro. “O problema reside na falta de elementos que nutram a vida universitária, agravada pela expectativa de que seja a universidade a nutrir seu entorno.” (2012, p. 08)

A reação ao “Dossiê” gerou mobilização de moradores, estudantes de cursinhos populares da cidade, representantes do poder público municipal, estadual e federal, nascendo assim o Movimento de Permanência da Unifesp no Bairro dos Pimentas.



Foto: Fernanda Matos, 2012.

Durante todo o ano de 2012, a partir da divulgação desse dossiê que caracterizava a localização do bairro como um impeditivo para a produção de cultura e conhecimento, uma vez que ele se situava na “periferia”; houve uma tentativa de realização de um plebiscito na universidade para que a comunidade acadêmica decidisse para onde o campus iria. Os estudantes, movimentos sociais e sindicatos da região promoveram contra reações às investidas de retirada da Unifesp no bairro.

À época, o ministro da educação, Aloísio Mercadante, fazia várias aparições públicas em agendas de campanhas eleitorais que estavam acontecendo. Em uma de suas atividades de campanha, na cidade de São José dos Campos, alguns estudantes (dentre as quais eu fazia parte) entregaram a ele um manifesto escrito e assinado por várias entidades exigindo o cumprimento da permanência da Unifesp no bairro dos Pimentas, compreendendo o seu caráter político, social e cultural. Além disso, como já relatado, a chegada da Unifesp no bairro era uma demanda

dos movimentos sociais que viram a sua consolidação como uma conquista. Foram realizadas uma série de manifestações na câmara municipal da cidade em prol a permanência, bem como audiências públicas em que os moradores, estudantes, membros de movimentos sociais e vereadores manifestavam-se contrários à saída da Unifesp do Pimentas.

Pelo texto apresentado percebemos que o que é considerado cultura para seus redatores é uma noção de cultura erudita ou alta cultura. Há uma desconsideração de toda a produção cultural que se realiza pelos moradores neste espaço periférico no seu sentido de força criativa e estética.



Reitor afirma que “local da Unifesp é intocável”

■ ALFREDO HENRIQUE

Representante do Ministério da Educação (MEC), da Prefeitura de Guarulhos e da reitoria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) desmentiram, ontem, mais uma vez, rumores de que os cursos de humanas da unidade Pimentas da universidade seriam transferidos para outros campi.

“O local da Unifesp é intocável. Os professores que prestaram concurso para lecionar aqui sabiam muito bem onde a universidade se localiza”, afirmou o reitor da Unifesp, Walter Albertoni.

Os rumores de que a Unifesp tiraria os cursos do campus Guarulhos surgiram após reunião, no dia 1º, de professores os quais teriam

votado para que um plebiscito sobre o tema fosse realizado no campus.

“A forma como o tema foi recolocado mostra que neste período os membros da congregação agiram nos bastidores com o objetivo de ver sua proposta concretizar (tirar a Unifesp do Pimentas)”, diz trecho de panfleto distribuído por alunos.

O posicionamento de Albertoni foi reiterado pela representante do MEC, Adriana Vesca. “O MEC não reconhece a mudança de município, nem a saída da Unifesp de Guarulhos.” Ela admitiu que o campus ainda “não está consolidado”.

Também participaram da audiência o deputado estadual Alencar Santana (PT) e o secretário de Trânsito Atílio Pereira.



Audiência pública na noite de ontem no campus Pimentas reuniu professores e estudantes da Unifesp

Representante do MEC disse que Unifesp do Pimentas não sairá do local e admitiu que há problemas

Secretário promete acessibilidade

O secretário municipal de Transporte e Trânsito, Atílio Pereira, afirmou ontem à **Folha Metropolitana**, que vai priorizar os projetos de acessibilidade no entorno e na região do Pimentas, onde fica a Unifesp.

“O prefeito afirmou em seus discursos de campanha que sua prioridade é

a construção de um novo trevo na região do Bonsucesso”, disse durante audiência sobre a permanência da Unifesp no Pimentas, na noite de ontem.

Ele disse que foi ao encontro para ‘prestar contas’ sobre as futuras atividades da próxima gestão de sua secretaria (2013-2016). (AH)

Fonte: Jornal Metro News. Publicação de 12 de novembro de 2012.

No manifesto assinado pelo “Movimento de Permanência da Unifesp” continha o questionamento da referência de centralidade argumentada pelos assinantes do “dossiê”, como podemos conferir a seguir:

Durante muitos anos em nosso país, a Educação Pública Superior teve como característica sua elitização. Isso porque não era qualquer um que poderia ingressar em uma Universidade, seja pelas suas condições econômicas que não lhe permitiam ter uma boa educação básica e, assim, disputar vaga no vestibular com alunos de escolas particulares, seja por causa do número reduzido de Universidades que estavam, em sua maioria, concentradas em locais centrais de grandes metrópoles. Numa tentativa de ampliação do número de vagas das Universidades Federais e levar a Educação Superior para locais muitas vezes esquecidos pelos olhos míopes dos poderes públicos, o Governo Federal, no período compreendido de 2006 a 2012, lançou o projeto de Reestruturação Universitária (REUNI). Não entraremos na discussão de problemas de gestão do REUNI, pois isso conferiria uma conversa à parte. Mas, sem dúvida esse programa tem o mérito de expandir o ensino superior que desde muitos anos havia se estagnado, especialmente em regiões periféricas.

Implantar uma Universidade, em uma região como o Bairro dos Pimentas em Guarulhos, é uma forma de trazer para o debate a gestão de políticas públicas para uma população que enfrenta em seu cotidiano vários problemas. Por estarem mais distantes do centro, muitos moradores os quais já carecem de formação educacional considerada adequada pelo mercado de trabalho, acabam por encontrar novas dificuldades como, por exemplo, a precariedade e encarecimento do transporte coletivo público. Isto é, os equipamentos urbanos responsáveis pela vida cotidiana ficam reduzidos. O Estado como instituição responsável por promover condições de trabalho aos cidadãos, também deveria garantir o acesso à cidadania plena, isto é, aos direitos políticos, civis e sociais.

No entanto, o que se tem notado desde o período de redemocratização do país é que o acesso à cidadania, muitas vezes não acompanha o processo democrático, evidenciando os próprios limites desse regime político. Os meios para se atingir a democracia são deficientes e acabam, por vezes, violando o estado democrático de direito.

A educação é uma das áreas mais atingidas por essa violação. Seja observando as condições precárias do ensino básico, ou a concentração de apenas determinada parte da sociedade no ensino superior, percebemos que é necessária uma mudança em toda estrutura educacional, que a torne mais acessível, democrática e de qualidade. Questões essas que são colocadas ao tratarmos, por exemplo, da presença de uma universidade em um bairro periférico, como é o caso do campus da Unifesp em Guarulhos.

A Universidade Federal de São Paulo em Guarulhos foi inaugurada no ano de 2007. Mas desde anos antes movimentos sociais da região dos Pimentas lutavam pela implantação de uma Universidade Pública no bairro. Desde então, muitas mudanças ocorreram no cotidiano dos moradores da região. Sobretudo, muitos dos alunos que hoje estão em nossa Universidade são do bairro. Alguns já se formaram e atuam como professores em escolas da região.

Diante do debate acerca da mudança do campus da Unifesp do Bairro dos Pimentas, defendida por alguns membros da comunidade acadêmica, **nos posicionamos a favor da permanência** do mesmo. A EFLCH, inserida neste bairro de Guarulhos, é um bem público, fruto de uma conquista coletiva em benefício de uma região que muitas vezes fora tratada com descaso pelos órgãos públicos e que hoje ganhou espaço na agenda da cidade.

Acreditamos que uma Universidade em uma periferia pode exercer um papel de auxiliar na democratização do conhecimento e demonstrar a muitos jovens que eles também podem ingressar em uma Universidade. Além disso, a universidade pode ainda construir saberes juntamente com a comunidade local. Pois não podemos assumir uma concepção dualista da cidade (centro x periferia), ou estaremos

compactuando com o discurso e o modelo de uma cidade excludente, onde as regiões mais afastadas não estão aptas a receber determinados tipos de recursos.

Nesse sentido, também rejeitamos o argumento da falta de acessibilidade ao campus da Unifesp no Bairro dos Pimentas. Reconhecemos que este é um aspecto que deve ser melhorado e reforçamos as reivindicações por mais linhas de ônibus municipais e intermunicipais, assim como outras alternativas a curto, médio e longo prazo que auxiliem no acesso ao bairro e à EFLCH. Entretanto, não podemos ignorar que a localização do Bairro dos Pimentas é cercada por diversas vias de acesso, como a Rodovia Presidente Dutra, Ayrton Senna, Avenidas José Artur Nova e Juscelino Kubitschek.

A questão da acessibilidade deve ser, portanto, relativizada. Se alguns dados mostram uma maior porcentagem de alunos provenientes da cidade de São Paulo, por outro lado, não esclarece de quais regiões. Além disso, considerando a cidade de São Paulo como a maior metrópole do país, onde vivem mais de onze milhões de habitantes, é compreensível que a maior parte dos alunos seja proveniente da capital paulistana, principalmente se comparada com a população das demais cidades. Considerar esses fatores é importante, porque eles também podem indicar a mesma dificuldade em se chegar a uma região central de São Paulo, já que o problema do transporte público de massas não é específico de um bairro, mas de toda uma cidade.

Não podemos transferir problemas da universidade para a localidade onde ela está implantada. Simplesmente usar o argumento da dificuldade da acessibilidade é reafirmar os problemas da periferia e ajudar a reproduzir que neste lugar não tem “nada”. É negar que a periferia é parte da cidade e se negar a contribuir sobre a questão dos transportes públicos. É preciso problematizar para além do discurso do “nada” e olhar para o que a periferia tem e o que ela pode nos ensinar.

Ainda é preciso considerar que há alunos que deixam suas cidades para estudarem em uma universidade, residindo perto da mesma. Morar em locais centrais, onde os valores dos aluguéis são altos, dificultaria a permanência do aluno. No

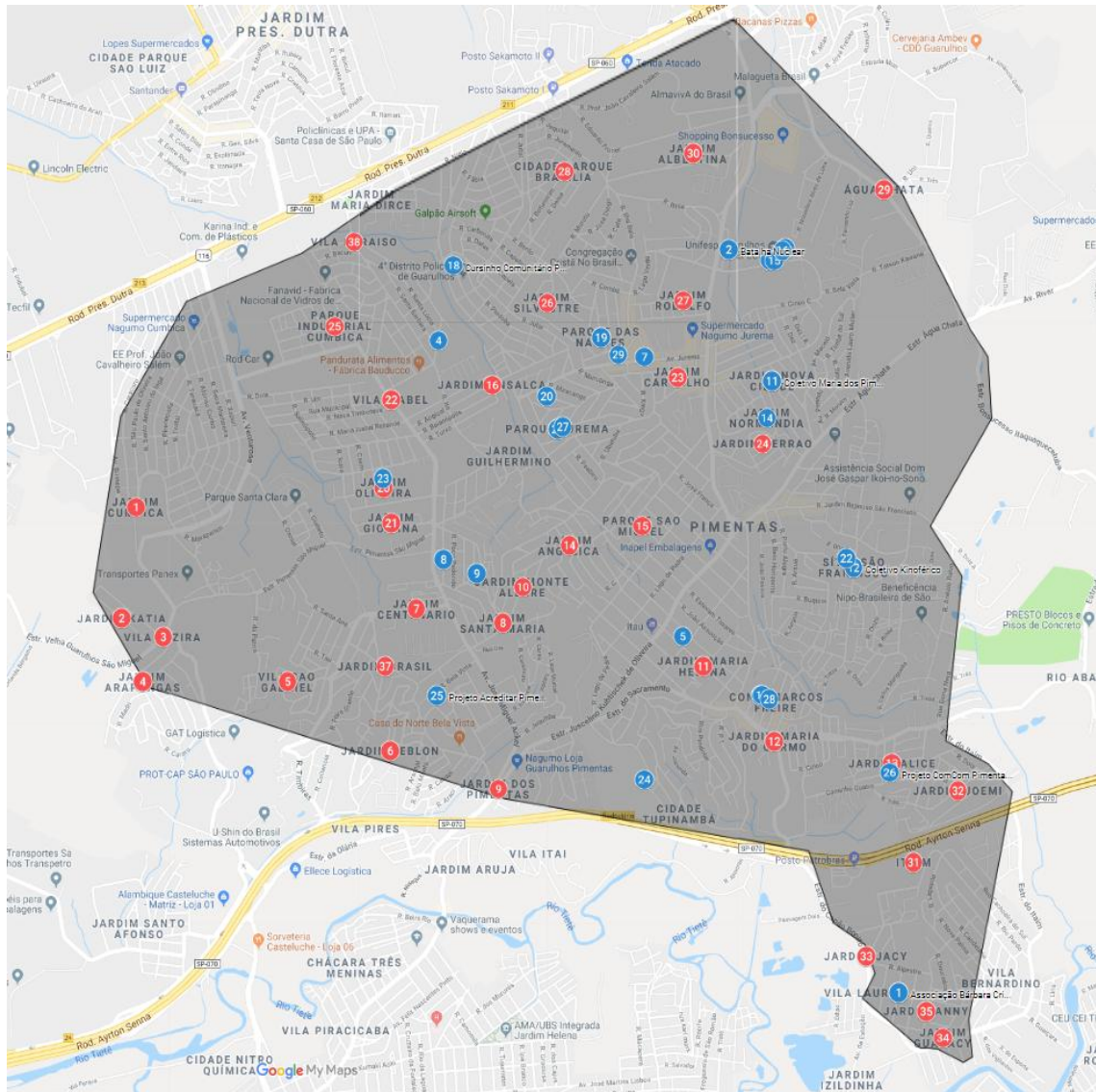
lugar onde estamos inseridos, além de aluguéis mais baratos, temos espaço para a construção de moradias estudantis. Inclusive, com o compromisso da Pró Reitoria de Assuntos Estudantis, sabemos que medidas estão sendo tomadas nesse sentido. Durante anos lutou-se para que nossas reivindicações quanto ao prédio e à moradia estudantil fossem atendidas e agora, em meio a um processo de licitação, não consideramos sensato propor a mudança para um local sem nenhum planejamento ou espaço que atenda todas as nossas demandas. Diante disso, convidamos a todos para participar do grande **Ato Pela Permanência da Unifesp no Bairro dos Pimentas**, a acontecer no dia **24 de agosto, sexta-feira, às 17h**, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp. Contaremos com a presença de estudantes, professores e funcionários da Universidade, de cursinhos populares e de escolas da região, além de movimentos sociais e lideranças políticas.

Todo debate mobilizou um campo de disputa que envolveu os temas centrais dessa pesquisa (política, cultura e periferia). Toda movimentação de sair ou ficar no bairro, possibilitou uma reflexão e exposição dos diferentes grupos sobre o seu entendimento sobre cultura, periferia e a função social da universidade pública.

2.1 CONFIGURAÇÃO POLÍTICA, CULTURAL E SOCIAL NOS PIMENTAS

A seguir, apresento mapeamento de atividades culturais existentes no bairro dos Pimentas, durante o ano de 2017 e 2018, período em que foi realizado trabalho de campo etnográfico da pesquisa.⁴²

⁴² Nos anos de 2012 e 2013 dois estudantes da UNIFESP Rodrigo Baroni e Thais Salva realizaram um levantamento da produção cultural no bairro junto a um projeto de extensão da universidade.

Mapa desenvolvido pela autora. ⁴³

	Atividade	
As Despejadas	Grupo Musical	Parque Jurema
Associação Bárbara Cristina Sá	Cursos educacionais Atividades infantis	Vila Any Marcos Freire
Batalha Nuclear	Encontro Musica	Terminal Pimentas

⁴³ Disponível em:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1TYii0rme70ZzqZ7pZOA0RRDrRME8phXH&ll=-23.459213523627454%2C-46.433638348843544&z=14>

	Rap	
Associação Elizabeth Bruyere	Atividades infantis	Santa Maria
Associação Semente do Amanhã	Atividades infantis	Santa Maria
CEU - Alvorada		Alvorada
CEU - Pimentas		Nova Cidade
CEU - Parque São Miguel		Parque São Miguel
Teatro Municipal Adamastor Pimentas		Nova Cidade
Coletivo Feminista Maria dos Pimentas	Apoio e discussão	Nova Cidade
Coletivo Manifesto Feminista	Apoio e discussão	Marcos Freire
Coletivo Kinoférico	Audiovisual	Sítio São Francisco
Coletivo Passarinho Contou	Contação de Histórias	Normandia
Cia de Teatro Caminho Velho	Teatro	Nova Cidade
Cursinho Popular (Unifesp)	Educação	Nova Cidade
Cursinho Comunitário Pimentas	Educação	Marcos Freire Parque Alvorada
Tok Final	Escola de Samba	Parque das Nações
Gentil	Luthier	Parque Jurema
Ohuaz	Música	Parque Jurema

Pé de Bananeira	Grupo Musical	Sítio São Francisco
Parque Escola Chico Mendes	Parque escola	Jardim Oliveira
Ponto de Cultura Pró Família		Jardim Tupinambá
Projeto Acreditar Pimentas	Oficinas culturais	Jardim dos Pimentas
Projeto ComCom Pimentas (CDHU)	Cursos de Comunicação Comunitária	Sítio São Francisco
Projeto Saúde Integral	Formação em saúde integral	Parque Jurema
Promotoras Legais Populares		Marcos Freire
Terças Autorais	(Apresentação de trabalhos autorais)	Parque Jurema

Todas essas organizações, entidades e coletivos realizam atividades culturais no bairro, com suas experiências, parcerias e graus de dificuldades. Algumas já tiveram financiamento de recursos do programa cultura viva e outros tentam recursos municipais e estaduais.

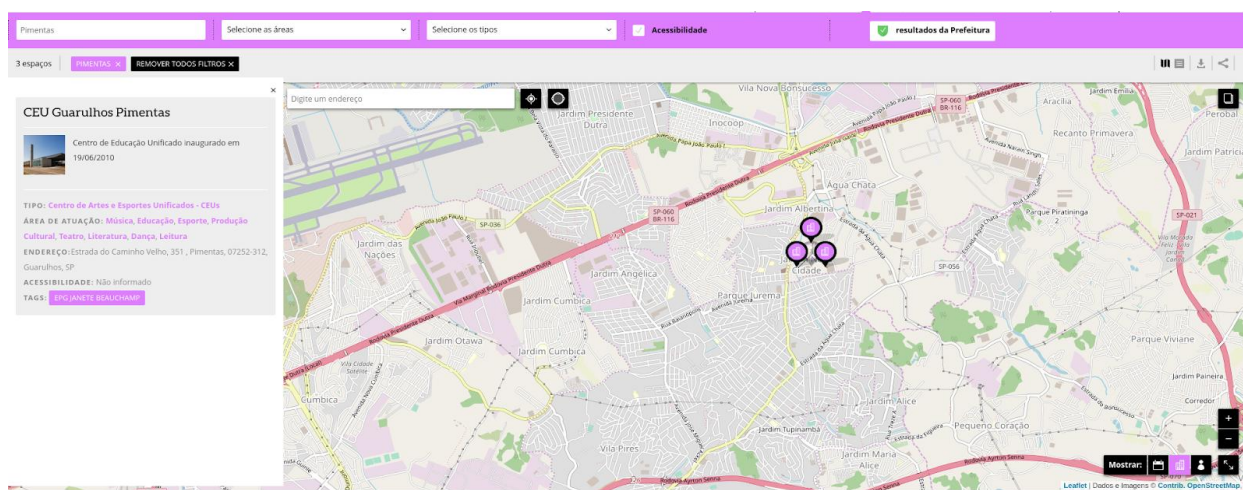
Durante o mapeamento evidenciou-se que o trabalho desenvolvido é realizado a partir de uma rede de contatos. Alguns agentes prestam serviços em diferentes locais. Em alguns lugares com remuneração e em outros como voluntários. A grande maioria também tenta a submissão de projetos aos editais na área de cultura para tentar fundos, já outros, têm parcerias e financiamento de grandes instituições públicas e privadas.

Os Centros de educação Unificada (CEUS) e o Parque Chico Mendes, por exemplo, recebem recursos municipais e, além das atividades culturais oferecidas para a comunidade, também atendem crianças nas escolas municipais que funcionam no mesmo espaço. O projeto ComCom (Comunicação Comunitária) Pimentas tem parceria com a CDHU e atende as crianças e jovens do bairro através de cursos e

oficinas.

Associações de bairro e cursinho populares tem seu trabalho impulsionado pelo trabalho voluntário e parcerias desenvolvidas com outras instituições.

A Prefeitura de Guarulhos, em 2017, na tentativa de mapear as ações culturais da cidade, começou a utilizar a Plataforma de Gestão Cultural e Mapeamento Colaborativo da Cultura, através da Secretaria de Cultura de Guarulhos com o nome de “GruCultura”. De iniciativa do Ministério da Cultura em parceria com o Instituto TIM⁴⁴ a plataforma digital tem por objetivo mapear em nível nacional, estadual e municipal os grupos de cultura e, de maneira colaborativa, as atividades culturais. Nesta plataforma os grupos, entidades, instituições, coletivos, organizações sociais realizam um “cadastro” de seus projetos. É por meio da plataforma também que há a divulgação de projetos, registros de “existências” dos trabalhos e espaços culturais, criando assim, uma rede de divulgação das atividades artísticas da cidade.



Tela da plataforma, acesso em 02/02/2019.⁴⁵

⁴⁴ Plataforma de Gestão Cultural e Mapeamento Colaborativo da Cultura. Segundo site do Instituto TIM, a ideia é ter mapas culturais, com o uso de um software livre sendo gerido e consultado por todos que queiram divulgar e buscar as produções culturais a nível municipal, estadual ou federal.

Link de Acesso: <http://mapas.cultura.gov.br/>

⁴⁵ Link de acesso a a plataforma GruCultura <http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/>

A plataforma ainda não atingiu seu objetivo, segundo funcionários da Secretaria de Cultura⁴⁶. Em Guarulhos, mesmo com um número expressivo de pessoas, grupos e coletivos que a Secretaria tem em seu Banco de dados⁴⁷, ainda há muitas dificuldades para realização do cadastro. Como forma de potencializar a ferramenta digital, a Secretaria de Cultura passou a exigir o cadastro dos grupos e pessoas para que possam participar de atividades/editais lançados pelo órgão municipal. Mas, essa estratégia ainda não obteve o êxito desejado.

Outra proposta da prefeitura para incentivar ações culturais da cidade foi o Fundo Municipal de Cultura (Funcultura). O Projeto de lei⁴⁸ Nº 5.947, de 10 de outubro de 2003, tem por objetivo apoiar projetos de “natureza artístico-cultural” com administração autônoma dos recursos. Este projeto de lei, de autoria do ex. prefeito da cidade Elói Pietá (PT), tinha como alguns dos objetivos apresentados: “estimular as expressões culturais e artísticas, coletivas e individuais, assegurando a diversidade cultural do Município; promover a difusão da produção artístico-cultural, especialmente voltada a comunidades locais, que não visam fins lucrativos”.

Para contemplar o recurso, os proponentes deveriam comprovar residência no Município de Guarulhos de no mínimo dois anos, e os recursos de acordo com o art. 5º seria de “dotação orçamentária própria ou de créditos que lhe sejam destinados”. O edital foi lançado pela última vez, no ano de 2016⁴⁹.

O projeto contemplado por este edital deveria oferecer cotas de doações e apresentações públicas e comprovar a utilização dos recursos. Após ter sido contemplado pelo edital, os projetos eram acompanhados e

⁴⁶ Conversa com os funcionários durante pesquisa documental realizada na Secretaria de Cultura. Realizada em outubro de 2018.

⁴⁷ A secretaria de Cultura tem o cadastro no GruCultura de mais de 200 artistas, casas de cultura e eventos realizadas pela própria secretaria municipal de cultura.

⁴⁸ Ler projeto na íntegra.

Acesso ao link: [http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/files/agent/20820/05947lei_\(1\).pdf](http://grucultura.guarulhos.sp.gov.br/files/agent/20820/05947lei_(1).pdf)

⁴⁹ A cidade de Guarulhos esteve sobre administração de governos petistas. Elói Pietá por dois mandatos (2000 a 2008) e Sebastião Almeida (não pertence mais ao partido dos trabalhadores) de 2008 a 2016. Atualmente o Prefeito da cidade é Guti (Gustavo Henric Costa) do PSB.

avaliados pelo Conselho Diretor do Funcultura.

Entre os anos de 2004 a 2016, segundo dados consultados em relatório disponível na Secretaria de Cultura de Guarulhos, o Funcultura recebeu 540 projetos, dos quais 409 tiveram a inscrição confirmada após análise de documentos entregues com o projeto, pois era necessário atender a critérios preestabelecidos no edital.

Dos 409 projetos habilitados, 109 foram contemplados, contabilizando um valor de R\$3.789.657,46, atendendo, respectivamente, as áreas de Música (45 projetos), Artes cênicas (16 projetos), Literatura (16 projetos), Cultura Popular (3 projetos), Artes Visuais (12 projetos), Memória e patrimônio histórico (10 projetos), Cinema e Vídeo (4 projetos) e Transversais (13 projetos).

O gráfico abaixo apresenta o número de projetos contemplados de 2004 a 2016, anos correspondentes ao funcionamento do edital. Segundo os dados, a maior parcela de projetos pleiteava a produção de projetos musicais com o intuito de gravar seus próprios discos compactos (CDs).

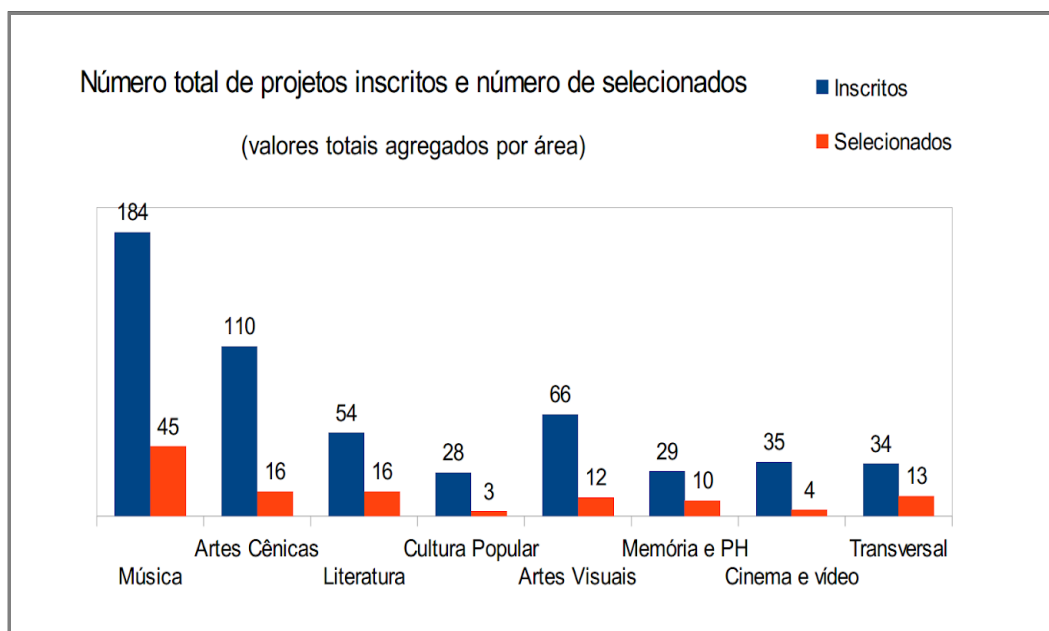


Gráfico presente no relatório de Informações e indicadores culturais com base no projeto de lei de fundo ao incentivo cultural da cidade de Guarulhos.

Pelos dados até aqui apresentados, é visível a forte presença de

produção cultural na cidade e no bairro. Ao longo dos anos de vigência do Funcultura também percebemos o desenvolvimento da articulação dos coletivos culturais na cidade que passaram juntos a questionar ações que fomentassem e financiassem a cultura guarulhense. Esses grupos buscam, em rede, políticas públicas municipais que priorizem o artista guarulhense em suas diferentes dimensões artísticas. Pois, como se vê na tabela acima, é desproporcional o número de projetos contemplados nas diferentes áreas.

2.2 Os COLETIVOS CULTURAIS

D'Andrea (2013), mediante contextualização histórica do surgimento dos coletivos culturais em bairros periféricos da cidade de São Paulo, acredita que o crescimento da produção artística em bairros da capital paulistana foi fundamental para descolar o termo “periférico” de certo estigma social (envolvendo precariedade e criminalidade) para uma posição de “orgulho”, ou seja, um reconhecimento que aciona um posicionamento político na busca por mudança social.

No argumento desenvolvido em sua tese de doutorado intitulada “*A formação dos sujeitos periféricos: cultura e Política na Periferia de São Paulo*” (2013), a partir da década de 1990, é possível observar quatro fenômenos que motivaram o surgimento de coletivos artísticos nos bairros periféricos, são eles:

[...] a possibilidade de fazer política em um contexto de descenso dos movimentos sociais e dos partidos políticos; a luta por pacificação; a necessidade de sobrevivência material, da qual a produção artística se revelou como uma possibilidade e; a arte como emancipação humana (DANDREA, 2013, p.16).

A utilização do termo “coletivo” acarreta indagações importantes

para a minha pesquisa. Em momentos essa denominação aparece como sinônimo de movimento social; em outras, como descontentamento com as formas tradicionais de organizações políticas, tais como partidos políticos e os próprios movimentos sociais. Neste sentido, é importante problematizar e principalmente, mostrar as limitações desse uso, pois existe uma diferença estratégica para coletivos em relação aos movimentos. O que os coletivos pretendem? Os movimentos sociais, de forma mais geral, foram criados para mudar a ordem e disputar os rumos da sociedade, pressionar o Estado para uma mudança conjuntural e estrutural, e os coletivos? O que os identifica como coletivos?

Talvez, o fortalecimento das políticas culturais nos apresente o caminho para compreender a formação desses coletivos.

O trabalho realizado em rede, e a potencialização que os grupos ganham quando juntos estabelecem maneiras de formar parcerias e adentrar em diferentes espaços; é aqui que o termo coletivo (em alguns casos, deixam evidente que não são um movimento social, associação ou partido político) aparece, mesmo que suas ações sejam correspondentes com todas essas manifestações políticas tradicionais. É com essas inquietações e hipóteses que vou a campo tentar entender o uso o termo “coletivo” no bairro dos Pimentas.

Conhecia, previamente, alguns grupos que se denominavam “coletivos” no bairro. Parti desses grupos para ampliar minha rede e conhecer novos agrupamentos. Um deles é um coletivo feminista que tenho muita familiaridade, pois em 2008, ano de sua formação, eu atuava junto com as demais mulheres que compõem o grupo. No início, sua denominação era “Manifesto Feminino” e buscávamos o fortalecimento e engajamento da mulher na política. O grupo de discussão e apoio foi criado por estudantes do Cursinho Comunitário Pimentas, movimento social existente no bairro desde 2002. Deixei as atividades do grupo em 2011 e hoje, em 2018, o grupo permanece com o mesmo objetivo e ainda conta com a participação e colaboração de alunas e ex. alunas do projeto social, porém com a denominação “Coletivo Manifesto Feminista”.

Fernanda Marques, membro atuante e uma das líderes atuais do grupo, afirma que hoje o “manifesto” é um coletivo por agregar mulheres de outros bairros e atuar dentro e fora do bairro dos Pimentas. Segundo Marques, a atuação parte do empoderamento da mulher nas diferentes instituições sociais, como família, trabalho e estudos. A ideia de coletivo não é algo aprofundado, segundo narrado na entrevistada, pois apenas caracteriza que as causas sociais que buscam dar visibilidade e debater não estão circunscritas a especificidades do bairro, mas abrangem diferentes mulheres no Brasil inteiro. “*É unir, somar*” diz a entrevistada.

Uma vez por ano, o grupo organiza um Sarau Cultural no bairro destacando trabalhos artísticos produzidos por mulheres moradoras do Pimentas e região.

Na mesma trilha em busca dos coletivos, tomei conhecimento de um projeto de leitura denominado “*Passarinho Cantou*” da moradora Thayame Porto, a qual desenvolve suas atividades também no bairro. Thayame é mestre em Educação e Saúde pela EFLCH/UNIFESP. Suas atividades são de “contação” de histórias para crianças de maneira lúdica e dinâmica. Segundo Thayame, as atividades acontecem “*em qualquer lugar que a Kombi estacionar*”. A rua vira cenário, a calçada uma plateia e as crianças seguem uma verdadeira viagem. Embora atue individualmente, em todas as funções (de motorista, organizadora e contadora de histórias), o projeto é considerado por ela como um coletivo. Segundo Thayame, nunca se faz nada sozinho, todo material, e até as histórias dos livros que ela conta são uma “coletividade” que a faz estar em rede com tantos outros coletivos. Ou seja, ela, os livros e toda doação recebida para montagem do cenário é feita “por muitas mãos” e isso, para ela, e ser um coletivo.⁵⁰

Thayame atribui o uso da palavra coletivo de maneira afetiva. Em nenhum momento da conversa cita a necessidade de articular o uso do termo para conseguir incentivos ou financiamentos para a manutenção da

⁵⁰ Atualmente o grupo conta com quatro integrantes e Thayame (idealizadora do projeto) não mora mais no bairro dos Pimentas. As atividades continuam sendo realizadas no bairro, no entanto, a partir de 30 de dezembro de 2018, devido a um acidente, não contam mais com a kombi e as atividades estão suspensas.

atividade cultural que realiza. Neste sentido, lança mais uma nova percepção do uso do termo “coletivo” ligando a uma esfera afetiva.



Foto divulgação do trabalho de Thayame Porto.

“Terças Autorais”⁵¹ é outro projeto cultural que acontece no bairro, próximo a Padaria Flor da Jurema, coordenado pelo cantor, compositor e agente cultural Wolf do Vale⁵². Wolf descreve o projeto como um coletivo musical, pois recebe todas as terças-feiras, à noite, artistas do bairro e também da cidade para apresentar sua arte. O microfone aberto possibilita manifestações de diferentes expressões artísticas e políticas como poesia, música, avisos e informações das mais diversas atividades culturais da cidade que não “chegam” aos moradores do Pimentas pelos meios de comunicação convencionais, como rádio, televisão e jornais.

⁵¹ O projeto acontecia no momento da pesquisa em um bar, em frente ao hospital Pimentas Bonsucesso.

⁵² Wolf do Vale, cantor compositor, mobilizador cultural, morador do bairro dos Pimentas.



Divulgação na página oficial do evento na rede social Facebook.

(Acesso em 08/12/2018)



Apresentação no evento Noites Autorais, Julho/2017. Foto: Fernanda Matos.

Segundo Wolf, o projeto foi criado para divulgar o trabalho do artista guarulhense. Ele diz se sentir feliz por conseguir realizar a atividade nos Pimentas. O artista reside no bairro e conhece muitos artistas que reclamam por não ter onde se apresentar, onde se reunir para

compartilhar os trabalhos e projetos em desenvolvimento, formar parcerias, etc. Para Wolf, o projeto é uma ação política cultural que valoriza o artista, ajuda a formar redes e fortalecer amizades. Sua ideia do uso do termo “coletivo” também é afetiva, mas não descarta a busca por financiamentos para a realização e manutenção do projeto.

A utilização do termo “coletivo” apresenta uma forma flexível aos caminhos percorridos e possibilidades apresentadas ao longo do desenvolvimento das atividades e ações políticas. Ao mesmo tempo em que pode proporcionar o encontro, a troca, o compartilhamento de experiências, pode também dar força à classe artística da cidade quando estão juntos.

Livia de Tommasi (2013), em seu artigo “*Cultura de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político*”, ajuda-nos a compreender sobre a dimensão dessas ações culturais na periferia. A autora evidencia que as iniciativas artísticas e culturais também são meios de sobrevivência, sendo que a dimensão econômica entrecruza com a dimensão política.

Essa última é expressa claramente nas palavras de Sérgio Vaz: “O único espaço público que tem na favela é o bar. Você imaginou que a gente ia se acabar tomando cachaça? E a gente transformou os bares em centros culturais”. Colocar um microfone à disposição de qualquer cidadão que queira fazer seu uso, para ler algum trecho de uma obra própria ou de outros ou declamar um poema, significa legitimar o desejo e o direito à expressão de qualquer cidadão, morador ou não da periferia, independentemente da qualidade técnica e artística do que é apresentado (TOMMASI, 2013, p.17).

O grupo musical “As Despejadas” descreve como fundamental o espaço aberto pelo “Terças autorais” para apresentação do trabalho musical que realizam. Elas se apresentam como um grupo que faz parte de um grande coletivo de mulheres artistas e feministas. O grupo é formado por ex. alunas da Escola Estadual Antonio Viana de Souza,

situada no Jardim Parque Jurema, na região do Pimentas, e seu trabalho ressalta a importância da valorização da mulher. O termo “coletivo” associado na fala da vocalista Vitória – moradora do Sítio São Francisco e estudante de Ciências Sociais da EFLCH/UNIFESP – busca uma unidade, uma união de forças: “*Queremos expor a nossa voz, lutar pelos direitos das mulheres, empoderar as meninas da escola, fazer nossa música*”.

Dentre todo nojo, medo, sufocou, eu encontrei um grito
 Um grito abafado que foi o suficiente
 Pra fazer com que aquele monstro desaparecesse correndo
 Quarta- feira noite longa, delegacia de polícia
 Piadinhas
 E a maldita sensação de que ele estava em todo lugar
 Mas quer saber de uma coisa? Ele estava
 O rosto de um estuprador
 Estampado na cara de uma sociedade inteira.”
 (Trecho da música SouFrida Luta)

Aqui, talvez o termo apareça de forma explicitamente política. Para o grupo musical, o trabalho desenvolvido pelas integrantes é todo político, além das letras, das músicas e das performances, acreditar que era preciso expor em forma de canto as batalhas e lutas diárias da juventude negra e da mulher negra, pobre e periférica foi fundamental para a formação de *As Despejadas*.

O rapper Ohuaz busca retratar em suas letras e intervenções artísticas a vida do morador dos Pimentas. Durante a pesquisa de campo, ao expor minha tentativa de estabelecer contatos e conhecer novos coletivos, e também realizar o mapeamento das atividades culturais existentes no bairro, o rapper frisou que o trabalho desenvolvido por ele e por seus amigos no bairro também poderia ser considerado um *coletivo*.

Segundo Ohuaz, quando solicitado pela Prefeitura da Cidade de Guarulhos um ofício que indique informações sobre o evento que pretende realizar no bairro, ele exclamou: “*Usei a palavra “coletivo”*”

para informar que não estou sozinho e dar peso político ao evento”.



Programação Cultural. Fonte: Site da Prefeitura de Guarulhos.⁵³

Para o coletivo audiovisual Kinoférico, que há três anos se denominam “coletivo”, o uso do termo coletivo foi utilizado, em um primeiro momento, pensando na disputa por editais de produção cinematográfica, que exigiam a inscrição de coletivos. No entanto, eles não perdem a dimensão política do termo, pois também desejam atuar para que a cidade de Guarulhos valorize seus artistas com políticas públicas de fomento e incentivo de produções audiovisuais.

Contudo, a discussão sobre o uso do termo coletivo evidencia a flexibilidade que apontamos como hipótese nesta pesquisa. O termo caminha na esfera da afetividade, mas também na tentativa de agregar, de se diferenciar das ações de partidos políticos e movimentos sociais com o intuito de agregar as pessoas e novos grupos pelas pautas defendidas a partir das identidades específicas.

As apresentações sobre os usos do termo “coletivo” vão desde uma simples noção de atividade feita por várias pessoas até um conhecimento prático da valorização política do termo. De maneira pragmática o termo

⁵³ Prefeitura de Guarulhos. Disponível em: <http://www.guarulhos.sp.gov.br/cultura/conteudo/coletivo-esta%C3%A7%C3%A3o-pimentas-promove-programa%C3%A7%C3%A3o-cultural-gratuita-no-ceu>. Acesso em: 12/08/2018.

estabelece fluxos que permeiam à valorização política do termo, assim como para alcançar editais, pois, as ações dos coletivos independentes de suas atividades, colaboram com outros agrupamentos por também contemplarem as atuações abordadas, o que me parece, atribuir força aos grupos.

Muitos grupos, como é o que fica evidenciado no caso de Ohuaz e do Coletivo Kinoférico, o uso do termo coletivo também é uma forma de adequação às políticas públicas que promovem editais voltados a essa categoria de associação cultural. Isto é, é uma maneira de dialogar com os setores públicos ou de iniciativa público e privada que lançam mão de financiamentos culturais.

Como nos ajuda a pensar Tomassi (2013), os artistas periféricos já não aguardam que os do “centro” valorizem seus trabalhos, mas se tornaram produtores de si mesmos. Eles organizam seus eventos, espalham as suas obras, músicas, cantos, poemas. Mantém redes sociais de divulgação dos seus projetos. Divulgam-se uns aos outros.

O que pude notar nas atividades culturais que acompanhei no bairro é que a rede é fundamental para o fomento das atividades. O grupo musical “As despejadas” e o Rapper Ohuaz, por exemplo, fizeram apresentações musicais nos eventos “Noites Autorais” e no Sarau produzido pelo Coletivo Manifesto Feminista que contou também com a “Contação” de Histórias do Coletivo Passarinho Contou. Nestas ocasiões, vendem seus discos compactos (CDs), camisetas e bonés. O evento também contou com a participação dos integrantes do Coletivo Kinoférico para a produção audiovisual (fotografias e vídeos) que foram divulgadas nas redes sociais pelos organizadores e artistas participantes do evento.

2.3 JUVENTUDE, ARTE E POLÍTICA.

Quando falamos de juventude e as ações desenvolvidas para e pelos jovens é importante entender como nos aproximamos das questões que envolvem o tema. A partir de um panorama nacional e internacional, conseguimos analisar o quanto algumas ações favoreceram o papel desenvolvidos pelas ONGs nos bairros periféricos.

Rocha (2013), em sua dissertação de mestrado intitulada “*Juventude e políticas públicas: formação de agenda, elaboração de alternativas e embates no Governo Lula*” apresenta uma análise da conjuntura política sobre juventude no cenário nacional, em que foram desenvolvidas políticas públicas para as Juventudes nos Governos Lula (2003 – 2010).

No contexto internacional, as discussões e pesquisa apontavam a necessidade de mais atenção e investimento para a população jovem no mundo, partindo do entendimento da concepção de juventude enquanto capital humano (atividades profissionalizantes voltadas aos temas de emprego e geração de renda). Neste sentido, o cenário internacional favorece o debate de políticas públicas de juventude desde 1990 e no Brasil, intensificaram-se os debates e discussões, principalmente pelos pesquisadores do tema, sobre a importância da construção da concepção de “juventude enquanto sujeito de direitos”.

Para Maria Rita Kehl (2004), nos dias atuais é muito difícil classificar quem é jovem, quem pode se considerar jovem ou mesmo o que é juventude. Neste sentido, qual a relevância de se pensar juventude(s) e suas práticas culturais.

O prestígio da juventude é recente. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos” escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. “Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a

mocidade”. O autor estava se referindo aos sinais de responsabilidade e seriedade que todo moço tinha pressa de ostentar, na primeira metade do século XX. Um homem de 25 anos já portava bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessários para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18. Homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva/reprodutiva da vida do que quando ainda habitavam o limbo entre a infância e a vida adulta chamado de juventude ou, como se tornou hábito depois da década de 50 de adolescência (KEHL, 2004:90).

Nesse sentido, Dayrell (2002) aponta que não há tanto uma juventude e sim juventudes, enquanto sujeitos que experimentam essa condição e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem.

Para Helena Abramo (1994), cada grupo de jovens que leva em consideração o espaço em que está inserido, elege e cria “seus próprios bens culturais”, que se constituem por músicas, estilos de roupas, entre outros. Cada um deles constrói um estilo específico para dialogar com seus pares.

No mapeamento realizado percebemos que a maioria dos grupos, associações e coletivos tem a “juventude” como articuladora das ações culturais. Sendo assim, para nós é importante problematizar: que juventude é essa?

A noção de juventude, afinal, além de ser marcada pela diversidade, é uma categoria dinâmica, mudando de acordo com as próprias transformações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história e ganhas espaço na agenda política do país e no mercado de consumo. A juventude passa a ser tomada como setor importante de ações e desenvolvimento de políticas públicas.

A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade que intermedeia a infância e o mundo adulto, etapa em que não se é mais criança, mas se prepara para o mundo das responsabilidades, isto é, do adulto. Todavia, devemos compreender que

essa é uma categoria construída socialmente e, como nos inspira a pensar Dayrell (2002), ela ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A juventude é marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.) de gênero e, até mesmo, geográficas, dentre outros.

Ser jovem é estar inserido num campo de incertezas e de planejamentos. Muitos jovens que compõem os coletivos acabam por ver, na construção e participação desses grupos, oportunidades para realizar os diversos projetos de vida, podendo ser, inclusive uma forma de expressar o que esperam para suas próprias vidas. Segundo, Gilberto Velho (1991) o indivíduo tem liberdade de fazer escolhas, as quais estão inseridas num campo de possibilidades posto socialmente.

Cada um tem uma trajetória pautada por um projeto que acarreta os mais variados objetivos, dialogando com aquele grupo no qual está inserido. O projeto é público e valorizado socialmente, pois assume interesses dos grupos; é o projeto que dará coerência às experiências cotidianas fragmentadas que o sujeito vive.

Todavia, assim como o indivíduo muda a partir das novas realidades que lhe são colocadas, o projeto também pode mudar, ele é relacional, podendo modificar também as relações entre jovem e a sociedade, e a percepção que se tem do meio em que vive. Segundo Velho (1981), isso pode ser compreendido como potencial de metamorfose, ou seja, é a capacidade de transmutar-nos diversos ciclos de significados que o indivíduo perpassa.

Como na nossa sociedade essa transição não é precisa, nem claramente demarcada, ao contrário de outras sociedades que adotam rituais para simbolizar essa “etapa”, o jovem acaba ganhando uma conotação ambígua marcada principalmente pela negatividade. A juventude é vista como etapa difícil e conturbada, de rebeldia, individuação, crises e tensões. Este momento do desenvolvimento, é também marcado por incertezas, como bem nos sugere Juarez Dayrell

(2007). Aqui, o que há é a predominância de uma série de idas e vindas, seja nas relações afetivas, no trabalho, no lazer etc.

Nesse sentido, é preciso repensar essa categoria de juventude na medida em que há uma série de elementos que ajudam a caracterizar esse momento da vida. Outra categoria interessante para pensar essas questões, e empreendida por Juarez Dayrell, é a “condição juvenil”. Essa categoria é utilizada na medida em que um jovem da zona rural não tem a mesma significação etária que um jovem da cidade. Assim como Dayrell nos sugere, a condição juvenil é mais que a maneira de ser ou situação de alguém perante a vida, ela também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique sua inserção no mundo.

Dessa maneira, precisamos compreender o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, ou seja, como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Portanto, a experiência da idade se modifica de acordo com o jeito de estar no mundo dos sujeitos. Essa transição pode ainda ser compreendida como um movimento e que permite inúmeras possibilidades e experimentações. Isso também, se dá pela pluralidade de juventudes e de condições juvenis e a “não linearidade” das transições à vida adulta revela que já não há uma causa/efeito dessas transições.

Enquanto etapa de transição, a juventude combina inúmeras tensões entre as quais a atuação política nos parece privilegiada nesses coletivos. É claro que a arte como expressão sensível da sua experiência e visão de mundo também é muito importante, mas o que salta da nossa etnografia como um problema a enfrentar é a questão que atrela a atuação dos jovens nos coletivos artísticos com uma ação política.

Arte e política estão juntas no discurso desses agentes e o que nos interessa é justamente perceber como essa articulação se realiza na prática desses grupos no bairro dos Pimentas, em especial a prática do coletivo Kinoférico.

Os jovens que participam dos coletivos, diferentes das

denominações “de fora” atribuídas a eles como “marginalizados” ou “excluídos” nos casos apresentados, entendemos que são jovens que possuem escolaridade alta, acumulando conhecimentos e experiências e formação técnica e superior. Muitos participam das aulas/oficinas, mas também são responsáveis pela consolidação dos projetos. São jovens com participação ativa nos meios políticos e contribuem diretamente para a visão mais positiva que temos atualmente do bairro dos Pimentas.

Os interlocutores dessa pesquisa evidenciam em suas exposições públicas que “*o Pimentas agora, não é apenas visto como um bairro com altos índices de violência, mas também como um bairro de muita produção cultural e intelectual*”. Creditando o novo momento do bairro às produções que conseguiram realizar e também pela divulgação e proporção que se tem fora do bairro dos Pimentas. Segundo Fernanda Marques, “*falou-se por muito tempo da falta de infraestrutura e da violência. Hoje, falamos dessas ausências e também dos grupos musicais, dos coletivos, das conquistas com muita luta*”.

CAPÍTULO III - O COLETIVO KINOFÉRICO



A fim de compreender as diversas dimensões das políticas culturais promovidas em espaços periféricos por e com agentes locais, lanço mão do estudo de caso de um coletivo áudio-visual chamado Kinoférico. Para tanto, é fundamental problematizar o modo como o áudio visual se manifesta na construção coletiva com e sobre o bairro e as variações de ações e discursos políticos, sociais e culturais dos artistas.

A definição apresentada por Aderaldo (2017b) sobre coletivos audiovisuais nos ajuda como um ponto de partida para compreender sobre o coletivo Kinoférico.

[...]pequenos núcleos, geralmente sem formalização jurídica, constituídos por poucos integrantes (quase sempre vizinhos ou amigos) que, além de produzirem vídeos, também costumam atuar exibindo filmes próprios ou produzidos por outros coletivos em diversos espaços da cidade (2017b, p.33).

O autor realiza uma etnografia e apresenta elementos importantes para pensar a educação audiovisual desenvolvida por ONGS em regiões ditas periféricas da cidade de São Paulo. A partir dos estudos do autor supracitado, busco analisar a atuação do coletivo Kinoférico, o qual seus membros atuam em uma Organização Não Governamental (ONG), a mesma que um dia estiveram como alunos e hoje são colaboradores ativos, desenvolvendo diversas funções, inclusive lecionando.

Segundo, Aderaldo (*idem*), as tecnologias de comunicação tiveram grande desenvolvimento e popularização nos últimos anos o que corroborou com o surgimento de “formas renovadas de sociabilidade, associativismo e engajamento político” por parte da juventude.

O logotipo desenvolvido para ser a “marca” do coletivo kinoférico já nos fornece algumas dicas importantes para a análise do grupo. Referência ao ato de empinar pipa da laje apresentado a partir do recorte de uma lente de câmera, referencia-nos o que a produção audiovisual deste coletivo traz: o *olhar e enxergar* (De Certeau,1996) o bairro dos Pimentas.

O coletivo Kinoférico é composto por jovens moradores do bairro dos Pimentas (especificamente dos Jardim Normandia, Sítio São Francisco e Vila Alzira), sendo eles: Fábio Santos, Nelson Simplicio, Dablio G e Wesley Souza.⁵⁴

⁵⁴ A composição inicial do coletivo contou com a participação de Dablio G, Nelson Simplicio, Almir Paulo, Wesley Sousa, Andréia Marques, Gabriel Araújo, Alice Caroline e Fábio Santos. No entanto, os

O coletivo foi “criado” em 2015 ao mesmo tempo em que estudavam comunicação comunitária no ComCom Pimentas, uma ONG, localizada no escritório da CDHU no Sítio São Francisco (área de ocupação irregular há mais de 30 anos)⁵⁵.

Os integrantes do grupo apresentam-se como arte educadores, roteiristas, fotógrafos, artistas, grafiteiros, universitários, membros de Organização não-governamental e, participam de outros grupos e coletivos audiovisuais da cidade de Guarulhos. Segundo entrevista com Fábio Santos:

[...]todos decidiram unir forças para a transformação do meio, por isso, o coletivo não se considera só um produtor de audiovisual da cidade, é sim, um grupo politizado e engajado, que busca através dos trabalhos fílmicos, da arte e educação (oficinas, workshops e cursos), e das ações de cobrança frente ao poder público, melhorias nas políticas públicas para região e seu entorno.

Em entrevistas, os membros do coletivo enfatizam a atividade política vinculada às produções e afirmam que ambas não são dissociáveis, pois “falar de periferia é sempre algo político”. Relatam que as grandes produções cinematográficas abordam problemas que estão no cotidiano do morador da periferia, no entanto, a forma ou a grandeza das ações, ou melhor, os estereótipos e as generalizações fazem com que o produto final traga ambiguidades.

Para eles, as produções cinematográficas do coletivo têm a função de apresentar a “quebrada” a partir da construção de um cinema independente e de resistência. Esta vinculação explícita entre arte e política foi determinante para a escolha deste coletivo para ser o foco mais central desta pesquisa.

projetos de vida pessoal dificultam a participação de alguns integrantes. durante do trabalho de campo dessa pesquisa, o coletivo era composto apenas por Dablio G, Nelson, Wesley e Fábio

⁵⁵ O documentário “Casa Alvo” da Companhia Bueiro Aberto retrata da perspectiva dos moradores sobre a situação do local que hoje é alvo da atuação a ONG ComCom Pimentas. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=KzJ_3FJII5M

Durante as aulas de cinema e com a possibilidade de participar de um edital que tinha como público alvo “coletivos audiovisuais”, alguns jovens resolveram fazer um curta-metragem e conseqüentemente, “*criar um coletivo*”. Naquele momento, segundo Dablio G, gostariam de participar do “Concurso Tela Brasil – Cinemark” que abordava o tema da mobilidade urbana. A premiação era o foco, pois vencer o concurso significava começar a ter equipamentos próprios para realizar suas produções.

Outro fator que Dablio G. considera importante ressaltar é a formação audiovisual por pessoas “sem grana” realizadas pelas ONGs, pois, como ele relata, “fazer cinema é muito caro”. Os equipamentos são custosos; o tempo de produção exige dedicação e quem trabalha o dia inteiro ou estuda (ou os dois) até tem vontade de fazer, mas falta tempo. Tempo é exigência para a produção de um filme, de uma fotografia, de qualquer arte.

Outro integrante afirma que, durante a construção do coletivo, começaram a se questionar e apresentar inquietações referentes à representação do morador da periferia durante as aulas de comunicação comunitária (Rádio/ TV/ Jornal). Estereótipos, senso comum, julgamentos de valor que, ao mesmo tempo em que dava visibilidade aos problemas sociais frequentes no bairro, os seus sujeitos e suas questões não eram apresentados em sua complexidade.

Compartilhando da ideia de fazer um cinema “próprio e inovador”, eles têm como referência para o seu trabalho o local em que nasceram ou que vivem. São essas questões que permeiam seus cotidianos e que querem mostrar. Aquilo que não se apresenta na mídia convencional ou de massa do seu um bairro dito “periférico”, é o que compõe o primeiro plano de suas produções audiovisuais.

Segundo Fábio Santos, o coletivo deseja fazer do Pimentas, cenário de diferentes formas de vislumbrar o que denominam de “*cinema da quebrada ou periférico*”. Um cinema produzido com equipamentos, câmeras, objetos simples e pessoas que participam do seu cotidiano.

O nome do coletivo traz a junção de ato político e localidade, observados nas falas dos primeiros integrantes:

Precisamos de um nome que mostra de onde atuamos. Como a ideia do coletivo é fazer cinema de quebrada e com as pessoas da quebrada, tínhamos que ter a periferia no nome, assim, de cara já iria mostrar o local que vínhamos e para quem produzimos, então, chegamos à conclusão, teria que ter Kino, que é cinema em russo, e também simboliza o Kinoglaz, assim juntamos Kino e periférico, ficando Kinoférico (NELSON).

A conotação política do cinema-verdade (kinopravda) de Vertov foi um elemento importante, pois o grupo buscou um nome para o coletivo que pudesse “trazer em si” que o coletivo tem um viés político. E não estão sós, eles se articulam com outros coletivos na demanda por políticas públicas de audiovisual na cidade. Dessa forma, definem o nome do coletivo kinoférico.

Encontrei pela primeira vez todos os integrantes do coletivo kinoférico (Fábio Santos, Nelson Simplício, Wesley Gabriel e Wesley Souza) em uma tarde de sábado no Cursinho Comunitário Pimentas. A ideia era apresentar minha pesquisa de mestrado e ter ali um primeiro de muitos encontros com o grupo. Entendendo que o trabalho etnográfico precisa ser ético e franco, apresentei o projeto de pesquisa e minhas hipóteses para todos. Ali, todas as intenções deveriam ser expostas. Era o momento de estabelecer confiança, pois ela é fundamental para o desenvolvimento da etnografia, além de possibilitar abrir “portas” para o desenvolvimento do trabalho.

Levei na mochila várias cópias do projeto (não sabia de fato quantos integrantes compunham o coletivo) e comigo também carregava uma ansiedade de como seria a conversa.

Um dos integrantes, Fábio, era o integrante mais próximo. Ele foi aluno de uma das oficinas fotográficas “Pimentas nos olhos”, da edição realizada no cursinho; foi também interlocutor no filme que leva o

mesmo nome das oficinas e colega de grupo de pesquisa na Unifesp, onde cursou História da Arte. Todas essas experiências compartilhadas e nossa proximidade facilitou o encontro. A minha expectativa era grande, pois não sabia se o grupo aceitaria uma pessoa acompanhando seus processos de produção, reuniões e o trabalho como educador.

Em uma rede social o grupo apresenta-se da seguinte maneira:

Coletivo de cinema formado por cineastas e educadores audiovisuais da região dos Pimentas, Guarulhos - SP. O Kinoférico já têm duas premiações, uma com o curta-metragem "Retratos de um Cotidiano", 2º lugar no 1º Concurso de Poemas, Fotografia, Curtas-metragens da "Unifesp - Semana Unifesp Mostra a sua Arte", e 3º lugar no Concurso Diadesol com o filme "R(a)tos". O grupo é composto por cineastas e arte-educadores que não visam só produzir, mas também refletir sobre a produção cinematográfica na periferia de Guarulhos e cobrar políticas públicas frente ao poder público sobre a região dos Pimentas. Além de incentivar e fomentar o audiovisual guarulhense, como foi sua participação no FAGRU (Fórum de Audiovisual de Guarulhos). Os integrantes são: Alice Caroline, Fábio Santos, Gabriel Araújo, Nelson Simplício da Silva, Wesley Casey e Wesley Gabriel.

A descrição feita por eles acompanhava meus pensamentos durante a espera. Era a única informação que tinha e também era instigante pensar nas potencialidades e na formação de um grupo jovem com propósito político com a imagem.

A chegada aconteceu em momentos diferentes, Fabio foi o primeiro a chegar e não tinha certeza se os outros integrantes conseguiriam comparecer, pois todos tinham compromissos antes ou depois do horário agendado, e qualquer imprevisto impediria o acontecimento do encontro.

No entanto, logo Wesley Gabriel (conhecido como Dablio G) chegou, e compartilhando também da ansiedade para entender o que de

fato era aquele encontro, iniciamos a conversa. Em seguida veio KC para compor a reunião. Nelson chegou horas depois. Este participa de diferentes coletivos e tem vínculo ativo na disputa política para o audiovisual e a produção guarulhense de cinema.

Expliquei meus objetivos de pesquisa para o grupo e logo me convidaram a encontrá-los no projeto ComCom Pimentas e, também, a participar de reuniões com Okuma¹.

André Okuma cursou História da Arte na UNIFESP e trabalha como agente cultural na cidade de Guarulhos, além de ser um militante cineclubista da cidade. Já conhecia Okuma, pois ele ministrou um curso de cinema gratuito que frequentei em 2009 no Centro Educacional Adamastor, em Guarulhos.

Como pesquisadora me senti aliviada, precisava deixar bem esclarecido todas as intenções de pesquisa, mesmo porque, Fábio era estudante universitário, Nelson, DablioG e KC estavam em busca de cursar uma universidade (atualmente todos são universitários) e entendiam bem que o processo realizado seria uma troca. Prontamente, dispus-me a ajudar no que pudesse, mesmo durante a produção de filmes.

Recebi o apoio do coletivo e pude perceber que, até para eles, o uso do termo coletivo faz parte do jogo político que “encanta” a ideia de não ter a figura de um líder para o grupo. Todos realizam as atividades de organização e liderança para estimular a participação por igual dos integrantes nas diferentes etapas de produção cinematográfica.

Após o contato inicial, fui ao projeto ComCom conversar com Okuma.

Em sua página oficial na internet, o projeto é definido como um projeto social que oferece cursos de

Comunicação Comunitária nas linguagens de Rádio, Jornal e TV, por meio de cursos e produções de conteúdo possibilita a comunidade, do Sítio São Francisco e seu entorno, a desenvolver sua própria comunicação. A comunicação comunitária integra expressões educacionais, artísticas e

culturais de forma a contribuir com informação à população e ser um agente de mediação entre poder público e comunidade.

A região do Sítio São Francisco⁵⁶ é bastante populosa e há anos sofre com um processo de desapropriação para a construção de moradias populares pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU).

CDHU

Caminhos da urbanização

Por que houve uma Imissão de Posse no Sítio São Francisco em junho de 2017?



Ouvidoria CDHU:
Rua Boa Vista, 170 - 8º andar - Bloco 4 - Centro - 01014-000 - São Paulo/SP
Atendimento: das 9:00h às 12:30h e das 14:00h às 17:00h, de 2ª a 6ª feira
Telefones: (0xx11) 2505-2863 - Fax: (0xx11) 2505-2864
Site: <http://www.cdhu.sp.gov.br/atendimento/ouvidoria-cdhu.asp>

A retirada das famílias que ocuparam recentemente as frentes de obras da Urbanização do Sítio São Francisco aconteceu em razão da necessidade de dar andamento à intervenção e garantir, em um futuro próximo, a regularização das casas que estão recebendo benfeitorias da urbanização, tais como: ligação regular de água e esgoto, obras de drenagem, colocação de guias e sarjetas, e pavimentação das ruas, além das famílias que já estão morando nas unidades da CDHU nos empreendimentos Guarulhos C, que também dependem da urbanização para terem a documentação de propriedade de suas moradias. Todo esse processo foi amplamente apresentado para a comunidade em diversas reuniões no CIC e nos atendimentos que a CDHU vem fazendo, desde 2008, em seu escritório de apoio técnico, atualmente localizado na Rua Nove, 193, antiga Fábrica Violeta.

Todas as UHs construídas pela CDHU foram destinadas às famílias que precisavam ser removidas para atender à legislação às diretrizes, visando a melhoria na qualidade de vida e a regularização fundiária do Sítio. Na primeira fase da Urbanização foi construído o empreendimento Guarulhos C23. Logo em seguida, os empreendimentos Guarulhos C16, C17, C18 e C24, todos no Sítio São Francisco. E por fim os empreendimentos Guarulhos Z e V⁵⁷ (já entregues) e o Guarulhos E (em

processo de fechamento de grupo) todos bem próximos da área. Fatores como a resistência das famílias em sair das áreas de remoção e sucessivas invasões, infelizmente atrasam o processo de Urbanização.

Com a parceria estabelecida entre a Prefeitura Municipal de Guarulhos e a CDHU, além da viabilização de unidades do Projeto Minha Casa Minha Vida no município, houve um aumento na oferta de unidades habitacionais, possibilitando o atendimento de famílias residentes, que passaram a construir após o cadastramento de 2008. Contudo, há pouquíssimo tempo novas famílias ocuparam as áreas que já haviam sido desocupadas, impedindo as obras e impondo a necessidade de retirada por meio judicial.

Com a desocupação dessa grande área, a CDHU iniciou as obras no terreno onde serão construídas as UHs mistas, ou seja, aquelas que atenderão as famílias que tinham casa e comércio/serviços cadastrados e tiveram que ser removidos, além de poder dar continuidade às obras da travessia do Córrego Marcos Freire e à conclusão de viários importantes, como as ruas Soweto, Projetadas 07 e 07, Projetada 05, João de Barros e a Avenida Norte Sul.

Nas duas imagens ao lado podemos observar como está a área atualmente e como ficará após o término dessas obras.

Informativo comunitário dos moradores do Sítio São Francisco Guarulhos-SP

NO 13-Ago/set-2017⁵⁷

Um dos jornais produzidos pelo projeto em que o coletivo participa evidencia o caráter de engajamento político nas suas ações.

⁵⁶ Sítio São Francisco é Zona de Interesse Social, segundo a Lei de Zoneamento de Guarulhos. O terreno está ocupado por mais de 30 anos. Moradores alegam em audiência pública realizada em 2014 que não concordam e não tem esclarecimentos sobre o projeto. A maioria dos moradores está sendo expulsa de suas residências pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU).

⁵⁷ Acesso à edição completa em <https://projetoacomcompimentas.files.wordpress.com/2017/09/jornal13-download.pdf>

Essa publicação ressaltava o motivo de uma reintegração de posse, o processo de desocupação e, sobretudo, o que significa a demolição de suas casas.

Fábio apresentou todo o prédio e as pessoas que estavam presentes no dia. Ele estava totalmente à vontade. Mas os olhares de uma pessoa (que depois soube ser o coordenador do projeto) e dos demais professores me acompanhavam de perto. Ao ser apresentada para o coordenador, recebi uma ficha de inscrição para participar de algumas atividades (minha intenção no primeiro momento não era realizar nenhum curso ainda). Sem pensar muito, preenchi, com dados pessoais, telefone e endereço. Entendi que era uma forma de saber quem eu era. Precisava ser identificada além da fala. E fui levada para a aula.⁵⁸



Foto divulgada no site do projeto Com Com. Pimentas.

Durante a aula percebi que tiravam muitas fotos dos participantes.

⁵⁸ <https://projetoacomcompimentas.wordpress.com/2016/10/10/comecaram-as-atividades-do-segundo-semester-no-comcom-pimentas>

Toda aula era registrada. Acreditava que era necessário para um relatório ou algo que envolvesse prestações de contas do projeto para instâncias superiores. As máquinas voltadas em minha direção me diziam também que precisava apresentar as minhas intenções.

Participei da aula inteira, pois o meu objetivo ainda não tinha sido alcançado. Precisava conhecer mais sobre aquele lugar, no entanto era preciso conseguir “quebrar o gelo”. Foi nesse momento quando escutei que pegariam uma lotação de transporte coletivo do projeto até o metrô Carrão na cidade de São Paulo. Logo, pedi carona na lotação. Não sabia ao certo se deveria ter feito aquilo imediatamente, mas era uma oportunidade que talvez fosse única. O grupo que seguiria até o metrô aceitou me levar. Fui e propositalmente sentei ao lado do coordenador do projeto, e logo comecei a indagar sobre o trabalho, além de me identificar como moradora do Pimentas e situar minha participação em projetos sociais da região. Senti-me à vontade para iniciar, então, uma conversa sobre meu projeto, apontando que acompanharia os meninos do coletivo Kinoférico para o desenvolvimento de minha pesquisa.

A partir deste momento, ficou entendido que o foco da pesquisa não era o projeto, mas que, de todo modo, como ele faz parte do processo de construção do coletivo, era fundamental conhecer o ComCom. Para minha sorte e, talvez, um pouco mais de paciência do interlocutor, nosso trajeto após a saída da lotação era o mesmo. Tal fato permitiu que a conversa continuasse.

O coordenador falou da sua trajetória em projetos sociais e que participava de editais com seu projeto de comunicação comunitária, entre outros. Falou também da importância daquele trabalho na vida de jovens. Sua renda advinha de conquistas de editais. A junção de fazer o que gosta com ajudar os garotos fazia parte de sua trajetória.

É nítida a clareza que apresenta a importância da participação dos jovens para o sucesso do projeto, como também a importância do projeto na vida desses jovens. Hoje, eles têm o próprio coletivo, e em suas falas é visível o objetivo de continuarem o projeto e transformar a vida de

outros adolescentes.

Na entrevista com os membros do coletivo, eles explicitam que não são “inocentes” e que entendem o trabalho deles no projeto. No entanto, consideram o trabalho de abrir caminhos para outros jovens, assim como eles conquistaram o deles no projeto, uma iniciativa que poderá fazer uma grande diferença na vida das pessoas que por ali passam. Fábio também compartilha desse pensamento e acredita ser fundamental, em qualquer situação, passar conhecimento para as pessoas.

Os integrantes do coletivo acreditam que podem apresentar “para fora” da periferia uma narrativa audiovisual que apresente mais do que as grandes mídias querem mostrar.

Desta forma, acompanhei várias situações em que o coletivo estava trabalhando para perceber como constroem suas narrativas e suas identidades com e no bairro, mobilizando, assim, o conceito de “situação” apresentado por Agier (2011).

Segundo o autor (*idem*) a *situação* é um elemento fundamental na observação etnográfica. Apresentar as situações em que o coletivo interage com o seu público, seus interlocutores e com o poder público nos parece interessante para pensar como são estabelecidas as redes, no sentido descrito por Agier (*idem*), onde surgem experiências políticas significativas, as quais possibilitam problematizar identidades, territórios, territorialidades, lugares e não lugares.

3.1 REUNIÕES COM OKUMA

André Okuma explicita que o objetivo dos encontros com o coletivo Kinoférico é refletir sobre o trabalho realizado por eles e sua importância para o cinema local. Evidencia, também, a importância de ter consciência do que e como se produz audiovisual de forma coletiva e colaborativa. Além disso, os grupos devem compartilhar ideias, mão de

obra, equipamentos e contatos, e assim viabilizar os filmes de produção independente e o fortalecimento dos grupos e das políticas para o setor de audiovisual da cidade.

Os encontros orientados por André Okuma aconteceram às terças-feiras, ou mediante disponibilidades de agenda e espaço para a conversa durante o segundo semestre de 2017 e com a presença dos membros do coletivo. Tive a oportunidade de acompanhar oito encontros realizados no Centro de Educação Unificada.

A primeira reunião começou com uma apresentação de cada participante. Fábio foi o primeiro a se apresentar. Reside em Guarulhos há 11 anos, no bairro dos Pimentas. Seu interesse por audiovisual surge ainda na adolescência, gosta de filmes e tem curiosidade sobre as produções audiovisuais, principalmente cinema e fotografia. Mas, somente teve contato com a área quando passou a residir em Guarulhos e a participar de projetos sociais como o Cursinho Comunitário Pimentas. Aprofundou seus conhecimentos e integrou o Coletivo Audiovisual devido à participação nas aulas do Projeto Com Com Pimentas.

Nelson, outro membro do coletivo, em sua apresentação fez uma fala sobre a memória do trabalho realizado por seu pai durante os anos que ele trabalhava como projetista de filmes. Além disso, Nelson explicitava a sua vontade de trabalhar com audiovisual e estudar cinema. Atualmente é aluno da Escola de Comunicação e Artes da USP no curso de graduação em Educomunicação e tem artigos publicados na Revista Incinerante, além de compor também o coletivo Polissemia.

Dablio G conta que fez a inscrição para as aulas de Comunicação Comunitária no projeto ComCom sem saber se iria gostar do curso. Segundo relatou, as aulas mudaram seu modo de ver a área da comunicação, e o cinema se tornou uma paixão. Nas aulas, o grupo de professores e a maneira como foram motivados o levaram a querer produzir e estudar cinema. Realizou muitos cursos livres de cinema, fotografia e grafite, realizando seu primeiro curta junto ao coletivo e com os equipamentos do Projeto ComCom .

André Okuma se apresentou como cineasta de Guarulhos. Um dos pioneiros do cinema Guarulhense, sempre presente nas produções e debates sobre as políticas públicas para o audiovisual, e nas reivindicações por uma escola de cinema em Guarulhos, além de ser um entusiasta de Cineclubes. Na primeira edição da Revista Incinerante do Coletivo Polisssemia, André Okuma assina um artigo em que cita alguns dos objetivos que compuseram as reuniões com o Coletivo Kinoférico, além de trazer um contexto do Cinema Guarulhense. O artigo assinado por Okuma, apresenta um frame do filme “*Era uma vez no Sítio*”⁵⁹ e questionamentos que nortearam as reuniões como: *Quem somos? Como podemos fazer filmes? Para que e para quem fazer filmes? Que tipo de cinema devemos fazer?*

Depois das apresentações assistimos ao vídeo “Era uma vez o Sítio” com o objetivo de analisar a produção: o surgimento das ideias, a realização e produção do curta metragem. Entender o processo de “escolhas” era parte importante do encontro.

O curta, produzido em 2016, conta com a direção de Nelson. Neste filme o faroeste é o cenário para a construção do enredo.

Misturando imaginários que nos remete aos filmes de faroeste com o cenário do Sítio São Francisco, os atores brincam com a narrativa em que o personagem principal caminha nas ruas do bairro em busca de vingança pelo apagamento do rosto de uma pessoa (não se sabe quem) em um retrato. Reforçam as imagens tipicamente construídas sobre uma periferia: ruas não pavimentadas, casas amontoadas, córregos passando entre as ruas e, nessas, entulhos de lixo e materiais de construção.

Discussões em bares que levam a uma briga entre dois homens e uma mulher armados com câmeras fotográficas, constroem cenas que trazem em si, um pouco dos conflitos experienciados no cotidiano. O protagonista, na busca pelo vilão (chamarei de O fotógrafo) por vingança, encontra um casal, também de fotógrafos e precisa se

59 Curta metragem produzido pelo coletivo Kinoférico que será apresentado nas linhas seguintes da dissertação.

desvencilhar da captura de sua imagem.

O conflito se dá em meio aos entulhos usados para os personagens se esconderem. Não podem se deixar serem fotografados. A fotografia fixa o conflito, fixa a tragédia.

O protagonista consegue capturar o casal de fotógrafos e em seguida, volta para seu estúdio onde estão penduradas fotografias tipo *Polaroid* em um varal. Não se identifica as imagens das fotos, mas é possível interpretar que nelas estão as pistas e o motivo pela vingança.

Finalmente, nosso herói se depara com o fotógrafo, os dois se encaram e corta a continuidade do filme para uma regressão que ainda não nos foi apresentada. A memória é acionada em preto e branco. Na regressão aparece um homem e um menino abraçados caminhando pelas ruas, parecem pai e filho. Em seguida, outro homem, armado de uma câmera fotográfica, saca-a da bolsa e dispara o clique contra o homem mais velho. O garoto, chora a morte do pai. Corta.

O filme volta a ter cor e os personagens estão se encarando. Ambos sacam as câmeras fotográficas ao mesmo tempo e um novo corte no filme, como se fosse um *flash*, traz ar de suspense. Na cena seguinte, o fotógrafo cai e o protagonista mantém-se de pé. A imagem em preto e branco de um homem falecido cai na tela. Aproxima-se, o protagonista, do corpo do fotógrafo. O primeiro retira do bolso uma das polaroides, cuja imagem agora era nítida: ela refletia o rosto de um homem, que era o mesmo que havia acabado de cair morto após o disparo. O protagonista joga a foto ao lado do corpo no chão e sai caminhando por entre as ruas do sítio. Por fim, de volta ao estúdio, ele queima todas as fotografias polaroides.

Neste filme, cada clique é uma imagem capturada, cada clique é um disparo. Aqui se reconta histórias de “era uma vez” dos filmes de faroeste. No curta-metragem, a arma é a máquina, o disparo é a foto, e a morte é a fixidez da imagem. Uma verdadeira guerra de imagens. As câmeras fotográficas ganham destaque com a presença de jovens atores. Duelam por imagens, construindo cada cena. A câmera fotográfica

registra os movimentos dos personagens. O som dos disparos de flash das máquinas, as diferentes imagens reveladas dão o ritmo do filme acrescentando cenas de conflito e morte.

Segundo, Dablio G, as aulas no projeto ComCom, ensinaram que o cinema pode ser uma “arma” contra as desigualdades e que era preciso pensar politicamente a construção cinematográfica. Fábio reforça a ideia de Dablio G.

Fábio conta que foi ator no primeiro curta e, logo em seguida, convidado a integrar o coletivo que naquele momento almejava novos integrantes e, se possível, de diferentes formações acadêmicas. Fábio era estudante de História da Arte na Unifesp. Ele afirma que sempre gostou de cinema e que acreditava na força política da produção cinematográfica. Evidenciou que foi seu primeiro contato com a produção de imagem em movimento.

Na medida em que o gosto pela gravação, criação, roteiro e tudo que cercava o ambiente e detalhes para gravar um filme se ampliava, o coletivo continuou gravando e participando de festivais e também ganhando visibilidade para compor a força política do audiovisual na cidade.

O objetivo do grupo, juntamente com outros coletivos, é buscar que leis de incentivo ao audiovisual para vigorar na cidade. Para isso, articulam movimentos artísticos do município para fomentar a produção artística em Guarulhos.

Tommasi (2016) indica que a atuação política é expressa no conteúdo veiculado e na vontade de se expressar e falar, da própria condição de vida. Evidencia também que a cultura para os jovens é a “expressão da vontade de fugir ao destino: nem bandido, nem mão de obra barata; e sim artistas”. Assim, a cultura torna-se na prática, oportunidades.

Há, na ênfase atual sobre o empreendedorismo, algo que modifica a forma como a pobreza é gerida: os comportamentos

dos pobres não devem ser mudados porque considerados antieconômicos, e sim reforçados, enquanto considerados os mais adequados ao espírito empreendedor. O pobre é, por definição, empreendedor, e só resta estimular e reforçar sua criatividade que lhe permite responder às adversidades da vida através de uma ativação contínua e de uma grande capacidade performativa. Trata-se de ordenar as coisas para permitir o livre desabrochar dessas capacidades. Os empreendedores seriam motivados por uma mistura entre o senso de oportunidade e necessidade de sobrevivência. O peso de cada um desses fatores depende, provavelmente, de onde os indivíduos estão colocados na escala social (TOMASSI, 2016, p.112).

Os curtas do Coletivo Kinoférico já foram exibidos em atividades produzidas pelos coletivos audiovisuais e cinéfilos da cidade de Guarulhos, além de contarem com convidados em debates e palestras sobre a área. Também tiveram uma exibição internacional em Alma (Portugal) do curta “No role”.

O coletivo também tem entrevistas no Caderno da Folha Ilustrada de São Paulo, Canal TBL/TV – Programa Tribuna Autoral, portal O Beijo e TVT. Ao longo de três anos de existência o “Coletivo Kinoférico” produziu em parceria e apoio do Projeto ComCom Pimentas cerca de oito filmes (curtas-metragens): *Alakazam*, *Busca Vida*, *Era uma vez no sítio*, *Inorgânico*, *Nas escuras*, *No Rolê*, *Retratos de um cotidiano* e *R(atos)*.

O documentário “Retratos de um cotidiano” foi classificado em 2º lugar na categoria de Curtas-metragens no 1º Concurso de Fotografia, Poemas e Curtas-metragens da UNIFESP realizado na I Semana “Mostra a sua Arte”. A animação “R(atos) e o curta “Alakazam” conquistaram o 3º lugar no Concurso Diadesol, e o curta “No Rolê” foi premiado no 2º Go Film Festival/Goiânia (melhor direção e edição nacional).

3.2 O COLETIVO E A ONG: ESFERA AFETIVA

A construção de um sentimento de “colaboração e pertencimento” faz com que o jovem se sinta parte do processo e parte importante. Uma parte que ajuda, colabora, mas acima de tudo, aprende.

O coletivo Kinoférico apresenta os trabalhos desenvolvidos em parceria com a ONG ComCom na relação de aprendizagem com os professores que passam a ser referência para os jovens, tanto na esfera do estudo, como na esfera da amizade e afetividade. Ambos têm orgulho da participação e do trabalho desenvolvido em parceria. De um lado, sabem que colaborar com o projeto os fará aprender mais sobre os assuntos abordados, além de proporcionar o recebimento de um auxílio financeiro que “*ajuda bastante*”.

O Projeto “ComCom Pimentas” inicia suas atividades em 2013, mesmo ano que começam desapropriações de moradias no bairro do Sítio São Francisco. Os moradores do bairro enfrentam os problemas habitacionais presentes em uma região de ocupação irregular, mas também sofre com a tentativa de regularização por parte do poder público.

O Projeto ComCom apresenta em suas publicações que trabalham no elo entre o morador e o setor público. Uma espécie de mediação entre as ações que serão realizadas e a participação dos moradores nesse processo. Para isso, distribui exemplares do jornal impresso “Sítio em Ação”, produz o canal de Tv “Pimentas em foco” e a “Rádio Web ComCom”. Todas essas atividades são desenvolvidas pelo projeto em forma de curso de comunicação comunitária para os jovens participantes do projeto que muitas vezes são moradores do Sítio São Francisco e de bairros próximos. As inscrições para o projeto acontecem duas vezes ao ano.

Fábio relata que teve papel importante no desenvolvimento de um projeto paralelo para atender as crianças que procuravam o projeto para

participar. Como arte-educador e comunicador, adaptou o projeto de rádio, televisão e jornal para atender as crianças trazendo às aulas, pintura, desenho, grafite e teatro. Como resultado do projeto, obteve o “Documentário das crianças do Projeto ComCom” .

A questão do trabalho também envolve o coletivo e o projeto. Os integrantes participam dos projetos desenvolvidos e recebem uma bolsa auxílio mensal justificando que o auxílio poderá colaborar para o desenvolvimento profissional.

Um destaque feito pelos integrantes do coletivo está nas atividades culturais desenvolvidas pelo projeto como exemplo, a “1º Mostra Cultural do Sítio São Francisco” e a “Expo Pimentas – Comunicação e Artes - 2017”. O que segundo Fábio, propicia mais espaços de divulgação dos trabalhos dos artistas local.

3.3 O COLETIVO E O INCENTIVO PARA O AUDIOVISUAL GUARULHENSE

Uma nova gestão assume a Prefeitura De Guarulhos no ano de 2016 apresenta novos rumos para a “cultura” na cidade. No entanto, muito já havia sido discutido nos fóruns e conferências da cidade nos anos anteriores, como a publicação da Revista Incinerante (2011) que apresenta um contexto histórico e político do cinema na cidade. Cursos são realizados e começa o debate político acerca do incentivo para a produção do cinema guarulhense.

Na gestão anterior, o Fórum de Audiovisual de Guarulhos culminou em um conjunto de propostas para serem discutidas com o poder público. A principal proposta era a criação de uma escola de cinema na cidade e projetos de fomento para a produção audiovisual guarulhense. No entanto, com a nova gestão, todo o processo encaminhado retornou para o início.

Neste sentido, é importante entender um pouco sobre o que é denominado “cinema guarulhense”. Aspectos importantes estão presentes na primeira edição da Revista Incinerante, em que o coletivo Polissemia apresenta a perspectiva histórica. Nela, são apresentados dois cineastas e pioneiros na discussão da produção cinematográfica em Guarulhos, Rubens Mello e André Okuma. A proposta da criação de uma escola de cinema em Guarulhos foi muitas vezes pauta de discussões culturais, tendo sido realizado uma fase de experimentação na cidade. No entanto, não houve continuidade do projeto com as mudanças de gestão executiva no município. Os cursos de cinema, as exposições e debates de filmes, propuseram a formação de grupos e coletivos de cinema na cidade que atualmente realizam mostra de filmes, debatem e estudam temas voltados à produção cinematográfica.

Em entrevista os integrantes do grupo declaram a importância de ter um coletivo de audiovisual na região dos Pimentas na esfera política. Pois, entendem que a ideia não é apenas produzir filmes, mas colaborar com a rede de cineastas da cidade buscando melhorias no campo do trabalho realizado.

Um ato que envolveu uma rede de artistas guarulhenses foi à recusa em participar da Virada Cultural da cidade em 2017. Os grupos que não viam nenhuma vantagem em se apresentar nos espaços reservados pela administração pública, uma vez que a Prefeitura não oferece nenhum suporte logístico ou financeiro para os artistas e pouca divulgação de seu trabalho. Ao sentirem um descaso da Prefeitura, resolveram criar a Virada Clandestina, que em 2018 teve sua segunda edição. No evento os grupos artísticos da cidade compartilharam seus trabalhos na praça do jardim Tupinambá, no Pimentas. As informações divulgadas a seguir fazem parte do contexto em que os artistas guarulhense se apresentaram como alternativa.

Virada Clandestina acontecerá no Pimentas com mais de 50 atrações e 37 horas de duração!

Dia 16 e 17 de Junho, o Bairro dos Pimentas receberá a 2ª Virada Clandestina, uma iniciativa popular organizada de forma independente por produtores culturais, artistas, músicos, professores, estudantes e comunidade em geral, com o intuito de promover a cultura local e denunciar a falta de investimento dos governantes. A 1ª edição aconteceu na Praça Bzola no Inocoop e apesar das dificuldades impostas pela prefeitura e PM, foi um sucesso!

Essa edição contará ainda com uma ação em defesa da educação pública livre e de qualidade, a atividade Escola Sem Mordada e Com Cultura abrirá os portões da Escola Estadual Pimentas VII durante o dia, para que toda a população possa discutir os ataques e as perspectivas da educação no município e no Brasil, a partir de filmes, rodas de conversa, palestras e promovendo apresentações artísticas, oficinas, etc.

Nesse misto de educação e cultura, o que não faltará é atração para todas as idades. As cerca de 37 horas, distribuídas em três locais (Escola Estadual Pimentas VII, Quadra dos Pampa e Praça do Tupinambá) terão desde contações de história até batalhas de rap e sarau, além de oficinas de teatro, dança, exposições, bandas, mostra audiovisual, shows, entre outras atividades, com início às 9h do dia 16 e encerramento previsto para às 22h do dia 17.

Confira a programação e saiba mais, acessando:
www.facebook.com/viradaclandestina

Guarulhos nunca mais será a mesma!

Material de divulgação do evento postado nas redes sociais.

Com isso, é importante problematizar que mesmo sendo “artistas”, a repressão, preconceito e discriminação também ocorre com as suas obras. Música, teatro e poesia ainda tem menos força que a visibilidade, Livia de Tommasi problematiza:

Nesse contexto, cabe a pergunta: o que fica, na periferia, da visibilidade adquirida por essas “culturas de periferia”? Os moradores da periferia, de forma geral, se apropriam do valor adquirido por essas manifestações? Se considerarmos a precariedade das condições de vida, trabalho e moradia nas periferias, a falta de serviços básicos, como saúde, educação, saneamento, transporte, o fato de que os jovens moradores dessas regiões da cidade sofrem cotidianamente com a repressão e a violência policial, não parece que essa valorização das manifestações artísticas e culturais reverbere sobre as outras dimensões da cidadania. Aliás, o recente fechamento do bar onde acontecia o Sarau do Binho, um dos saraus mais antigos e mais politizados da cidade, demonstra que mesmo as iniciativas culturais não estão isentas da repressão. (TOMASSI, 2013 p. 19)

Essa citação nos faz retomar questionamentos que não dão conta de serem respondidos nessa dissertação, mas cabe refletir sobre o trabalho desenvolvido pelos coletivos e sua dimensão restrita à situação econômica, social e política que envolve o bairro. Será que, mesmo com todas as iniciativas e ações políticas, sempre teremos a nuvem da “violência” como fundo principal da nossa história da construção do bairro? Em momentos oportunos a arte transformadora ou transformada pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de campo realizado possibilitou aprofundar os estudos sobre periferia, juventude e arte ativismo. A partir da busca por diferentes usos dos termos “coletivo” e “periferia”, protagonismos e manifestações de sociabilidade no bairro, foi possível observar que o uso desses conceitos mobiliza experiências significativas de apropriação do espaço urbano.

Estas interações nos fazem perceber que são as práticas sociais que dotam de significado os espaços mais variados do bairro, combinando a ausência e a chegada de novos equipamentos públicos com soluções criativas para o espaço urbano, como fazem os grupos e coletivos de manifestações artísticas.

Realizar essa pesquisa, viver e conviver neste universo pesquisado exigia de mim como pesquisadora um grande esforço de ir contra o senso comum e os estereótipos. Mesmo sendo ex. moradora da região foi preciso realizar uma aproximação metodológica para dar conta de compreender o contexto proposto. Este esforço me mostrou a especificidade dos movimentos sociais, associações de bairro e coletivos culturais em Guarulhos que, não necessariamente, obedece a regras.

Recriam-na, a partir de algumas perspectivas: contribuir politicamente para a construção e discussão de políticas públicas para atender as pautas propostas pelos diferentes seguimentos culturais (música/teatro/audiovisual) e a participação da juventude como agente das táticas de sociabilidade e de construção de redes.

Se minha questão inicial era problematizar o uso dos termos em um bairro “periférico”, pude compreender que, talvez, minha escolha pelo coletivo audiovisual tenha sido apenas uma das várias possibilidades. Muitas outras podem ser encontradas neste contexto. No entanto, escolhi o coletivo audiovisual que, em meio as suas contradições, mobilizam as dimensões culturais e políticas como base para suas ações.

A juventude é considerada nesta dissertação como uma condição de ser na vida e não necessariamente uma faixa etária. Durante o mapeamento das atividades culturais, notamos a presença de diversas faixas etárias. Encontrei jovens de quarenta a doze anos presentes por lá. Nestes casos, ser jovem não é ter quinze anos, ser jovem é compartilhar uma condição juvenil que vai além dos limites físicos, acompanhando as atividades dos próprios moradores com a sua vida no bairro.

Há muitas juventudes expressas no bairro. A política é parte do cotidiano e da vida dos moradores. Acompanhei diferentes grupos que realizam um ativismo político através de atividades artísticas e culturais para e sobre o bairro. Políticas para a juventude e cultura não são somente voltadas para esse grupo específico, pois envolvem diversos setores da sociedade.

Os coletivos culturais são formas que dão corpo às redes e formas políticas. Solidarizam-se uns com os outros por serem coletivos de cinema, mas também são negros, são ciclistas, são pobres, mas também querem ver todos terem acesso às atividades culturais, acesso ao pão, acesso livre e igualitário à sua própria vida. A troca aqui é importante para entender o uso do termo “coletivo”, a força política que é gerada no comum pode alcançar muitos e gerar recursos (de adaptação a certa gerência do capital).

Dentre as várias narrativas sobre a periferia está uma que a vincula à violência, tráfico de drogas, além de ser caracterizada como um local de “poucas perspectivas”. Segundo Caldeira (2003) grandes cidades, como São Paulo, não podem ser mais caracterizadas pela relação “centro-periferia”, pois há muita complexidade em jogo.

Segundo Tomassi (2013) as alterações estruturais e políticas no bairro dos Pimentas é representativo nesse sentido. São exemplos das lutas dos grupos locais. Individualmente souberam atentar-se à força que os grupos possuem, separados. Mas juntos a participação política ganha outra dimensão, oferecem novas cartas para o jogo. No entanto, todo esse esforço não exclui esses jovens da reprodução de repressão pelo poder

público e da discriminação de sua arte, o que volta a ter evidência com a conjuntura política nacional. Os discursos de intolerância ganham força e os grupos sofrem represálias e passam a lidar também com a insegurança de seus projetos e suas vidas.

Amplas propostas caminhavam para a saúde, educação, mercado de trabalho, moradia e lazer. Nesse sentido, talvez pensar políticas para a Juventude de uma cidade como Guarulhos seja pensar políticas para todos os moradores do município. Pois, seria muito difícil compreender uma política de juventude que não seja também favorável para crianças, adultos e idosos. Cheguei por muitos momentos, durante a pesquisa de campo, a pensar que se quando se falava em uma demanda para as juventudes, essa era, na verdade, para todos.

Ao longo de 2018, o último ano de pesquisa de campo, o cenário político mudou. As falas dos meus interlocutores apontam para um retrocesso político que é muito incômodo. Os coletivos continuam suas atividades na tentativa de resistir ao discurso do ódio, medo e intolerância. Como andar para trás e ver poucas perspectivas de continuar pelos caminhos até então trilhados? Parece ser o momento de “reinventar” as formas de vivenciar os problemas do cotidiano e agir coletivamente.

A periferia tem seu próprio centro, suas próprias construções culturais, sua própria maneira de inventar maneiras de viver as consideradas ausências. Vive a violência que é desencadeada por temas e conceitos já bem desenvolvidos sociologicamente como desigualdades, trabalho e consumo. Todos esses temas trazem em si, muito do que se pode chamar de “problema social” e eles estão presentes nas periferias e nos centros. Nas grandes ou pequenas cidades. As proporções variam, mas o que estes coletivos e suas ações nos gritam é que somente um trabalho em rede, coletivo, entendendo que a autonomia, a gestão compartilhada e democrática, o diálogo e a escuta, farão dos grupos transformadores e criadores das mais diversas realidades, vidas e saberes.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação, nº 5. pp. 25-36, 1997.

ADERALDO, Guilherme. Reinventando a cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas “periferias” de São Paulo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

_____. “Entre imagens e imaginários: estética e política nas intervenções visuais/audiovisuais de coletivos culturais paulistanos”. pp. 55-79 em: Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais. Organizado por Kowarick, Lúcio e Frúgoli Jr, Heitor. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. F. Territórios, mobilidades e estéticas insurgentes. Refletindo sobre práticas e representações coletivas de realizadores visuais nas metrópoles contemporâneas. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 6, No 2 | -1, 31-48, 2017b.

ANDRADE, Rosane. Fotografia e antropologia: olhares fora - dentro. São Paulo: Educ, 2002.

AGIER, Michael. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ARANTES, Antonio. Paisagens Paulistanas. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000a.

_____. O espaço da diferença. São Paulo: Papirus, 2000.

AUGÉ, Marc. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, Ed. Papirus, 1994.

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro. Antropologia e imagem. São Paulo: Zahar, 2006.

_____. “Significados e sentidos em textos e imagens” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*.

Campinas: Papirus, 2009.

_____. “Pimentas nos Olhos não é refresco: fotografia, espaço e memória na experiência vivida por jovens de um bairro “periférico” de *Guarulhos, São Paulo*”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Vol. 1, No 2, 2012a.

_____. Ver, Olhar e Enxergar a cidade de São Paulo através de imagens. In *São Paulo cidade Azul*, São Paulo: Alameda, 2012b.

_____. [et al] .A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

BONDUKI, Nabil. As origens da habitação no Brasil. Arquitetura moderna – Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo. Estação Liberdade. Fapesp, 1998.

CABANES, Robert; **TELLES**, Vera da Silva (Orgs). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo, Ed. Humanitas, 2006.

CAIUBY, Novaes Sylvia. “Imagem e Ciências Sociais; Trajetória de uma Relação difícil”. In: Barbosa, Cunha & Hikiji (Orgs). *Imagem-conhecimento: Antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.

_____. “Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”: *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, Nº 94, pp. 31-67. Disponível em: Calvino, Ítalo. 1972 [1990]. *As cidades invisíveis*, São Paulo: Cia das Letras, 2012.

CAMPOS, Ricardo. “Identidade, imagem e representação na metrópole” pp. 15-30. Em: *Uma cidade de imagens. Produções e consumos visuais no meio urbano*. Organizado por Campos, R; Andrea, B e Spinelli, L. Lisboa: Ed Mundos sociais, 2011.

CAMPOS, Daniel Carlos. *Revelando a História do Pimentas*. São Paulo: Noovha América, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar*.

Petrópolis: Vozes. 1996.

CYMBALISTA, Renato. “O lugar onde as pessoas chegam antes da cidade” in: “Periferia” *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p. 44-51, 2006.

CORDEIRO, Graça Índias e **VIDAL**, Frédéric (Orgs). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa; Ed. Livros Horizonte. pp. 17-25.2008.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naif, 2009.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

_____. Juventude e produção cultural na periferia de Belo Horizonte. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br:8080/objjuventude/textos/ARTIGO%20GODOY.pdf>. Acesso em: 12/09/2017.

_____. O Jovem como sujeito social. Disponível em www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n24/n24a04.pdf. Acesso em 12/09/20107.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

DE TOMMASI, Livia e Velazco, Daniela. “A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas bases do empreendedorismo de base comunitária”. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n 56, pp. 15-42, jun 2013.

_____. Artes de abrir espaço. Apontamentos para a análise de práticas em trânsito entre arte e ativismo. *Cadernos de Arte e Antropologia*, pp. 13-27. Disponível em: <https://cadernosaa.revues.org/911> DOI: 10.4000/cadernosaa.911, 2015.

DIDI-HUBERMAM, G. Quando as imagens tocam o real. *Revista Pós*. Belo Horizonte, v. 2, n. 4 nov, 2012.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

ENTLER, Ronaldo. “Fotografia e acaso: a expressão pelos encontros e acidentes.” In: SAMAIN, Etienne (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec, p. 273-285, 1998.

FUNDAÇÃO SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Retratos de São Paulo. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/impresao.php>. Acesso em 26/01/2019.

GAMA, Nilton César de Oliveira. O processo de conformação da periferia urbana no município de Guarulhos: os loteamentos periféricos como (re) produção de novas espacialidade e lugar de reprodução da força de trabalho. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 225 pp, 2009.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. “O dilema do Antropólogo entre 'estar lá' e 'estar aqui'”. IN: *Cadernos de campo*. São Paulo, v. 7, n. 8, p. 205-238, 1998.

_____. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.

_____. O saber local. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1985.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panorama das Cidades. Guarulhos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/guarulhos/panorama> Acesso em: 26/01/2019.

GUARULHOS (SP). PREFEITURA DE GUARULHOS - DESENVOLVIMENTO URBANO. Revisão do Plano Diretor. “*Construindo Juntos a Guarulhos Que Queremos*”. 2012. Documentos disponíveis em:

http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files//Livro_Construindo_Juntos.compressed%20%281%29_0.pdf Acesso em: 08/12/2018.

GUARULHOS (SP). PREFEITURA DE GUARULHOS – Revisão do Plano Diretor. Documentos disponíveis em <http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br> Acesso em: 08/12/2018.

GUARULHOS (SP). PREFEITURA DE GUARULHOS - PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL 2009-2012. Revisão do Plano Diretor. Disponível em: http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files//Plano_Municipal_de_Assistencia_Social_2009_a_2012.pdf Acesso em 08/12/2018.

GUARULHOS (SP) PREFEITURA DE GUARULHOS. Revisão Do Plano Diretor. Consolidação dos cenários projetados e propostas e Lei do plano diretor comentada para revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Econômico e Social de Guarulhos – SP. Volume 01. 2012. Disponível em: http://planodiretor.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files//RPDG_PRODUTO%2004_VOLUME%2001_CONSOLIDACAO%20DOS%20CENARIOS%20PROJETADOS%20E%20PROPOSTAS%20E%20LEI%20DO%20PLANO%20DIRETOR%20COMENTADA%20_0.pdf Acesso em 08/12/2018.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MACDOUGALL, David. “Significa e ser” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e LUGA, Lilian (org.) *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. 3 edição. São Paulo, Editora da Universidade Federal de São Paulo; Fapesp, 2008.

_____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29. 2002.

_____. Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Ed. Hucitec/Unesp, 1998.

_____. “Trajetos e trajetórias – uma perspectiva da antropologia urbana. Entrevista com José Guilherme Cantor Magnani”. Revista Sexta Feira: Periferia, N 8, São Paulo, Ed. 34, 2006, pp. 30-43.

MEDEIROS, Anny Karine de. 2013. Políticas públicas e organizações culturais: o caso do programa Cultura Viva. Dissertação (CMAPG) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

MORENO, Gilberto Geribola. Tudo que a gente faz na quebrada é política: vida associativa nas bordas da cidade/Gilberto Geribola Moreno; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo.: s.n., 2014.

SÁ, Bárbara Cristina. Pimentas e suas imagens: *Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um Bairro “periférico” da cidade de Guarulhos*. 2010. 68 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Escritas dissonantes: escolarização, letramentos, novas tecnologias e práticas culturais juvenis”. Horizontes antropológicos, pp. 81-107 . São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. “A maior zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese de doutorado em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2010.

_____. “Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pichação”. Cadernos de Antropologia e Arte, nº 2, 2012, pp. 55-69.

_____. “Breves reflexes sobre o asfalto: novas e velhas questões na periferia de São Paulo”. Ponto Urbe 6, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo, 2010.

KOWARICK, L. E **MARQUES**, E. (Orgs). São Paulo: novos percursos e atores, sociedade, cultura e política, São Paulo, Ed. 34, 2011.

_____; **BONDUKI**, N. Espaço urbano e espaço político: do

populismo a redemocratização. In: Lutas sociais e a cidade - São Paulo: passado e presente, Editora Paz e Terra, 1994.

_____. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil, São Paulo: Editora 34, 2009.

KUSCHNIR, Karina. O Cotidiano da Política. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2000.

_____. Antropologia da Política. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2007.

_____. “Política, cultura e espaço urbano”. In: VELHO, Gilberto (Org). Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2006, pp. 88-97.

ROCHA, Heber Silveira. Juventude e políticas públicas: formação de agenda, elaboração de alternativas e embates no Governo Lula. Dissertação (CMAPG) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2012.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

ROY, Ananya (2011), “Slumdog cities: rethinking subaltern urbanism”. International Journal of Urban and Regional Research 35(2): 223–238.

SANTOS, Carlos José Ferreira. Identidades Urbanas e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos. São Paulo. Annablume/SINPRO, 2006.

TELLES, Vera da Silva. “Mutações do trabalho e experiência urbana”. Revista Tempo Social, v. 18, nº 1, Junho de 2006 a, pp. 173-195.

_____; HIRATA, Daniel Veloso. “Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito”. Estudos Avançados, São Paulo, v. 21, n. 61, 2007, pp. 173-191.

_____. “Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito”. In: KOWARICK E MARQUES (Orgs.). São Paulo: novos percursos e atores: sociedade, cultura e política. São Paulo: Ed. 34, 2011, pp. 375-393.

VELHO, Gilberto. 1981. Individualismo e cultura: Notas para uma

antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____. 2007. Rio de Janeiro: cultura, política e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 1994. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (Org.); KUSCHNIR, K. (Org.). 2003. Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. 2002. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

VIANNA, Hermano. “Paradas de sucesso periférico”. Revista Sexta Feira: Periferia, nº 8, São Paulo, Ed. 34, 2006, pp.19-29.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo, Ed. Cosac Naify, 2010.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro; Ed. brasiliense, 2000.

FILMOGRAFIA:

BUSCA vida. Direção: Wesley Gabriel. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2015 [produção]. 1 filme (1:17 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.

INORGÂNICO. Direção: Wesley Gabriel. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2016 [produção]. 1 filme (2:23 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.

RETRATOS de um cotidiano. Direção: Fábio Santos. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2016 [produção]. 1 filme (5:02 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.

Era uma vez no sítio. Direção: Nelson Silva (Simplício). Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2016 [produção]. 1 filme (9:42 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.

R(atos). Direção: Fábio Santos e Nelson Silva (Simplício). Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2016 [produção]. 1 filme (5:40 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kino Férico.

Nas escuras. Direção: Wesley Gabriel. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kino Férico, 2017 [produção]. 1 filme (22:02 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kino Férico.

ALAKAZAM!. Direção: Fábio Santos. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2017 [produção]. 1 filme (3:31 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.

NO rolê. Direção: Wesley Gabriel. Guarulhos/São Paulo: Coletivo Kinoférico, 2017 [produção]. 1 filme (3:12 min), digital (MP4), cor. Cópia do acervo do Coletivo Kinoférico.